



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO CENTRO DE FILOSOFIA E  
CIÊNCIAS HUMANAS ESCOLA DE COMUNICAÇÃO  
RADIALISMO

**Rastreando a intolerância online: Um estudo sobre a hashtag #VirusChines**

**Beatriz Pereira Bastos**

Rio de Janeiro

2023

**FICHA CATALOGRÁFICA**  
CIP - Catalogação na Publicação

A474f Bastos, Beatriz  
Rastreado a intolerância online: um estudo sobre a hashtag  
#VirusChines / Beatriz Bastos. --  
Rio de Janeiro, 2023.  
78 f.

Orientadora: Carine Prevedello.  
Trabalho de conclusão de curso (graduação) - Universidade  
Federal do Rio de Janeiro, Escola da Comunicação, Bacharel em  
Comunicação Social: Radialismo, 2023.

1.Intolerância. 2. Pandemia. 3. Twitter. 4. Etnografia virtual. 5.  
Linchamento.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

**TERMO DE APROVAÇÃO**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia Rastreado a intolerância online: um estudo sobre a hashtag #VirusChines, elaborada por Beatriz Pereira Bastos do(a) autor(a).

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia 21/07/2023

Comissão Examinadora:

Orientador(a): Prof(a). Dr(a). Carine Prevedello

Doutorada UFRJ

Departamento de Métodos e Áreas Conexas

Prof(a). Dr(a). Mohammed ElHajji

Doutorado UFRJ

Fundamentos Teóricos da Comunicação

Prof(a). Dr(a). Jonas Federman

Doutorado UFRJ

Departamento de Métodos e Áreas Conexas

Rio de Janeiro

2023

## Rastreamento a intolerância online: Um estudo sobre a hashtag #VirusChines

Beatriz Pereira Bastos

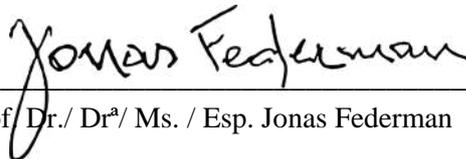
Trabalho apresentado à Coordenação de Projetos Experimentais da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação Radialismo.

Aprovado por



---

Prof. Dr./ Dr<sup>a</sup>/ Ms. / Esp. Carine Prevedello – orientador



---

Prof/ Dr./ Dr<sup>a</sup>/ Ms. / Esp. Jonas Federman



---

Prof. Dr./ Dr<sup>a</sup>/ Ms. / Esp. Mohammed ElHajji

Aprovada em: 21 de julho de 2023

Grau: 10

Rio de Janeiro/RJ  
2023

BASTOS, Beatriz Pereira. **Rastreando a intolerância online: um estudo sobre a hashtag #VirusChines**. Orientador(a): Carine Prevedello. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Comunicação Social – Radialismo). Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2023.

## RESUMO

A monografia analisa a hashtag #viruschines, investigando um fenômeno de linchamento virtual contra chineses durante a pandemia de Covid-19. Utilizando o método de análise crítica do discurso, o estudo examina o discurso presente nas interações online relacionadas à hashtag, buscando identificar padrões e formas de estigmatização e discriminação. O objetivo é compreender como a disseminação de informações e a construção discursiva contribuem para a criação e ampliação de um ambiente hostil e prejudicial. Ao explorar os elementos linguísticos e retóricos utilizados nas postagens, o trabalho busca trazer insights sobre a dinâmica do linchamento virtual, suas motivações e consequências. A pesquisa contribui para a compreensão dos impactos negativos da xenofobia e da disseminação de ódio nas redes sociais.

**Palavras-chave:** Intolerância, Pandemia, Twitter, Etnografia virtual, Linchamento.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>5</b>
<b>2 REPRESENTAÇÃO SOCIAL</b>	<b>8</b>
<b>2.1 Imaginário e Identidade</b>	<b>8</b>
<b>2.2 Teoria da Representação Social</b>	<b>15</b>
<b>3 COMUNICAÇÃO E RECONHECIMENTO</b>	<b>19</b>
<b>3.1 Cultura e Comunicação</b>	<b>19</b>
<b>3.2 Reconhecimento Social</b>	<b>25</b>
<b>4 MIGRAÇÕES ASIÁTICAS E O PERIGO AMARELO</b>	<b>29</b>
<b>4.1 Migrações asiáticas ao Brasil</b>	<b>29</b>
<b>4.2 Estereótipos chineses e Perigo Amarelo</b>	<b>32</b>
<b>5 ETNOGRAFIA VIRTUAL</b>	<b>41</b>
<b>6 TEORIA DE ANÁLISE DISCURSIVA</b>	<b>48</b>
<b>6.1 Signos, Semiótica e Discurso</b>	<b>48</b>
<b>6.2 Análise Crítica do Discurso</b>	<b>55</b>
<b>7 ANÁLISE DO OBJETO</b>	<b>58</b>
<b>8 CONCLUSÃO</b>	<b>65</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>67</b>

## 1 INTRODUÇÃO

No final do ano de 2019, a OMS (Organização Mundial da Saúde) foi notificada de um surto de pneumonia provocada por um tipo de Coronavírus em Wuhan, na China. Em algumas semanas o novo vírus foi batizado como SARS-CoV-2, e o surto local, que era uma epidemia, tornou-se em poucos meses uma pandemia confirmada no dia 11 de março de 2020, provocando isolamento social por parte da população na maior parte do mundo. E, devido este período de isolamento, a forma de contato com o mundo “externo” passou a ser majoritariamente mediada pela internet. As pessoas tiveram suas vidas alteradas bruscamente, e neste momento de crise o número de adesão às redes sociais cresceu exponencialmente.

Este cenário pandêmico provocou a introdução de uma parcela da população, que não fazia uso de redes sociais, a este universo online, e causou um aumento do uso para o grupo que já estava inserido nas plataformas digitais. De acordo com a DataReportal (2023), empresa especializada em produzir relatórios para ajudar pessoas e empresas a encontrar dados, insights e tendências no mundo digital, em estudo de janeiro de 2019 o Brasil tinha uma população de 211,6 milhões de pessoas, sendo 87% urbana. Deste total, 149.1 milhões eram usuários de internet, contabilizando uma penetração de 70%, com 140 milhões ativos nas redes sociais. Já em estudo de janeiro de 2022, a população aumento para 241.7 milhões, penetração urbana de 87.5% com 165.3 milhões de usuários ativos na internet, 77% de penetração. Ou seja, mais de 16 milhões de novos usuários online.

Assim, a comunicação majoritariamente intermediada por redes digitais, somada ao cenário de instabilidade e incerteza, gerou uma onda de teorias e discursos de ódio nas redes.<sup>1</sup> E, neste movimento que se originou no período pandêmico, pode ser observado um surto de ataques sinofóbicos oriundos de teorias conspiratórias sobre a origem do vírus que provocou a pandemia. Segundo estas teorias conspiratórias, o vírus teria sido criado em um laboratório chinês, como uma espécie de arma biológica, e teria sido espalhado propositalmente como parte de um plano chinês de dominação mundial. Estas teorias se disseminaram nas redes por todo mundo gerando um ressurgimento do “Perigo Amarelo” e conseqüentemente uma onda de ataques de cunho racista e xenofóbico contra chineses e asiáticos.

---

<sup>1</sup> BAGGS, Michael. Discurso de ódio na internet aumentou durante a pandemia, aponta pesquisa. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-59300051>. Acessado em: 10/07/2023

Os discursos de ódio no Twitter e a cultura do cancelamento<sup>2</sup> têm se tornado fenômenos amplamente discutidos na sociedade contemporânea.<sup>3</sup> O Twitter, uma das principais redes sociais, oferece uma plataforma para que os usuários compartilhem opiniões, ideias e informações em tempo real, em um formato de microblog.<sup>4</sup> No entanto, essa liberdade de expressão também tem sido acompanhada por uma crescente incidência de discursos de ódio. Os discursos de ódio no Twitter são caracterizados por mensagens que promovem o preconceito, a intolerância, a discriminação e o ódio contra determinados grupos ou indivíduos. Essas mensagens podem ter origem em ideologias extremistas, racismo, sexismo, homofobia, transfobia, xenofobia e outras formas de intolerância. Os ataques virtuais direcionados a indivíduos ou grupos podem ter um impacto significativo em sua saúde mental, bem-estar e senso de pertencimento na sociedade.

Além disso, a cultura do cancelamento, que está associada aos discursos de ódio no Twitter, tem se destacado como uma prática em que as pessoas são rapidamente julgadas, condenadas e excluídas devido a declarações ou comportamentos considerados inadequados ou ofensivos. Esse fenômeno é impulsionado pela velocidade das redes sociais e pela amplificação das vozes coletivas. Embora o objetivo inicial seja combater a intolerância e a injustiça, a cultura do cancelamento também pode ter consequências negativas, como a supressão da liberdade de expressão e a perda de oportunidades de diálogo e aprendizado. É importante reconhecer que os discursos de ódio e a cultura do cancelamento não são fenômenos isolados do Twitter, mas refletem questões mais profundas da sociedade, como desigualdades, polarização política e problemas estruturais.

Com isto, foi observado pelo monitoramento da plataforma uma série de hashtags criadas na pandemia que se referenciavam ao tema. Uma hashtag do Twitter é uma palavra ou frase precedida pelo símbolo "#" (conhecido como "jogo da velha" ou "hashtag") que é usada para categorizar e agrupar mensagens relacionadas a um tópico específico. Ela funciona como um mecanismo de busca e organização de conteúdo na plataforma. Quando uma palavra ou frase é precedida por uma hashtag, ela se torna clicável e leva o usuário a uma página que exibe todas as mensagens que também utilizam essa mesma hashtag. Isso permite que os usuários

---

<sup>2</sup> BENTES, Ivana. Nós, os brancos, e a nova partilha discursiva. Revista Cult, 12 de agosto de 2020. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/nos-os-brancos-e-a-nova-partilha-discursiva/>. Acesso em: 10/07/2023

<sup>3</sup> A cultura do cancelamento é um fenômeno moderno segundo o qual uma pessoa ou um grupo é expulso(a) de uma posição de influência ou fama devido a atitudes consideradas questionáveis — seja online, no mundo real ou em ambos.

<sup>4</sup> O microblog é uma combinação de mensagens instantâneas e produção de conteúdo. Com o microblog, você compartilha mensagens curtas com um público online para aumentar a interação. Canais sociais como Twitter, Instagram, Facebook e Pinterest oferecem plataformas de microblog populares.

descubram e acompanhem conversas sobre um determinado assunto, mesmo que não estejam seguindo diretamente as pessoas envolvidas na discussão. Assim, a hashtag funciona como uma espécie de etiqueta identificadora de debates para o público em geral interagir.

A hashtag #VirusChines foi mapeada como estando presente em mais de 200 mil tweets da plataforma no ano de 2020.<sup>5</sup> O que chama atenção para esta discussão é o teor agressivo presente em boa parte dos comentários. Partindo deste princípio, neste trabalho buscamos analisar uma base de dados de menções da hashtag #viruschines a fim de identificar os discursos adotados com intuito de atestar ou não um movimento de linchamento virtual contra chineses.

Para isto, inicia-se com a contextualização de alguns conceitos relacionadas a representação social levantando tópicos como identidade e imaginário social, busca-se compreender melhor sua formação e reflexo na sociedade, no segundo capítulo, adentrando em seguida na temática de cultura e meios de comunicação, assim como a abordagem de reconhecimento social, refletindo sobre senso de pertencimento e desrespeito no terceiro capítulo. Adiante, faz-se necessário dissertar sobre o histórico de asiáticos no Brasil e a construção da imagética do Perigo Amarelo, abordando questões de estereótipo e estigmas sociais a fim de compreender melhor a introdução do grupo na sociedade brasileira e suas implicações ao decorrer das décadas, debatido no quarto capítulo.

Como o estudo objetiva uma análise de conteúdo online, o conceito de etnografia virtual será abordado no quinto capítulo, dissertando sobre as bases da etnografia e conceitos como cultura e comunidade digital. O sexto capítulo aborda a teoria de análise discursiva, com alguns conceitos relacionados a signo, semiótica e discurso, seguidos pela apresentação da abordagem de análise crítica do discurso. No sétimo capítulo realiza-se a análise do objeto, destrinchando a base de dados e trazendo insights sobre o conteúdo.

---

<sup>5</sup> GetDayTrends portal que contabiliza uso de hashtags. Link: <https://getdaytrends.com/pt/brazil/trend/%23VirusChines/> Acesso em 10/07/2023

## **2 REPRESENTAÇÃO SOCIAL**

O debate principal do capítulo se dá pelo conceito de representação social, onde se faz necessário estabelecer alguns conceitos e abordagens sobre assuntos correlatos ao tema, como a noção de imaginário social e identidade. A seguir, comenta-se sobre estes conceitos baseados em alguns teóricos como Cornelius Castoriadis, Gilbert Durand, Michael Maffesoli, Charles Taylor entre outros. Após esta contextualização, inicia-se o debate sobre as abordagens de representação social baseados em Serge Moscovici, Denise Jodelet e Jean-Claude Abric.

### **2.1 Imaginário e Identidade**

O conceito de imaginário social está relacionado a símbolos e ideias que permeiam a sociedade, sendo compartilhados pelo coletivo, auxiliando na construção de identidades de grupos, classes e sociedades, pois essas ideias imagéticas são expressas por meio de mitos, narrativas, estereótipos, crenças e valores que representam ideologias. Por sua vez, a identidade diz respeito à forma como os sujeitos veem e definem a si mesmos e aos outros. A identidade é influenciada por fatores culturais, raciais, de gênero, históricos, classe e orientação sexual, bem como religiosos. Assim, o sentido de identidade é influenciado pela forma como cada pessoa é vista e tratada pelos outros, assim como pelas relações de poder e normas sociais de uma determinada sociedade.

O famoso filósofo e psicanalista grego Cornelius Castoriadis dedicou parte de seus estudos ao conceito de imaginação social. Em sua obra de destaque, intitulada "A instituição imaginária da sociedade" (1995), ele enfatiza a importância do imaginário como uma dimensão fundamental para a compreensão da sociedade. Segundo Castoriadis (1995), a imaginação tem um grande impacto na forma como as pessoas interagem entre si e com o mundo, desempenhando um papel na criação de significados e valores compartilhados.

Castoriadis argumenta que o imaginário social é uma construção coletiva que se mantém e se transforma ao longo do tempo. O autor destaca que o imaginário não se limita apenas às crenças e ideias, mas também engloba práticas sociais, mitos, valores, normas e instituições. Logo, o imaginário social é um elemento central na estruturação e no funcionamento das sociedades, uma vez que representa a capacidade criativa dos indivíduos em produzir significados, símbolos e narrativas que moldam a realidade social. Assim, é possível compreender que o imaginário social vai além de meras representações mentais, desempenhando um papel ativo na construção e na manutenção das sociedades, influenciando

tanto as interações sociais quanto as instituições que as sustentam. Cornelius formula que o imaginário social não é fixo, mas uma construção social em andamento e transformação constante, pois as sociedades são capazes de auto constituir-se, de criar regras e instituições próprias através da mobilização do imaginário social.

Para Castoriadis (1995), a instituição social é um produto da atividade coletiva dos seres humanos, e não algo dado ou imposto de fora. Ele enfatiza a capacidade humana de criar e instituir formas coletivas de vida social, que ele chama de "imaginação radical". A "imaginação radical" de Castoriadis refere-se à capacidade dos indivíduos de imaginar e criar novas formas de organização social, além das estruturas existentes. Essa imaginação não se limita apenas à criação de novos produtos culturais ou artísticos, mas também se estende à própria sociedade e suas instituições. Segundo Castoriadis, a instituição social é um processo contínuo de criação e recriação coletiva, onde as pessoas têm o poder de instituir e transformar suas próprias instituições. Para Castoriadis, a instituição social é moldada pelas ações humanas ao longo do tempo, resultando em uma rede complexa de normas, valores, estruturas e práticas que governam a vida social. Essas instituições não são entidades fixas ou imutáveis, mas sim produtos da atividade coletiva dos seres humanos. Elas surgem, evoluem e se transformam ao longo da história, refletindo as mudanças nas necessidades, valores e aspirações das pessoas (RODRIGUES, 1998).<sup>6</sup>

Uma das principais formulações do autor é a distinção entre os chamados “instituído” e “instituinte”, onde um se refere às normas, valores e instituições estabelecidas socialmente, e o outro a capacidade das sociedades de autolegitimação e criação de novas formas de organização social, respectivamente. Seria uma forma de entender a relação entre o mundo social construído e a capacidade humana de criar novas formas sociais e institucionais. O instituído é um termo que se refere a tudo que é dado na sociedade, incluindo leis, normas, valores, instituições, e estruturas sociais estabelecidas. O instituinte, por outro lado, é uma dimensão que se relaciona com a capacidade humana de criar novas instituições e formas sociais, tendo em vista a liberdade e a autonomia das pessoas (MEIRA, 2010).<sup>7</sup> O autor enfatiza a relevância da autonomia e democracia na constituição do imaginário social, argumentando que as sociedades devem ser capazes de pensar e questionar suas próprias normas e instituições, pois a autonomia é vista como uma condição para a criação e recriação do imaginário social. Em suma, a abordagem de Castoriadis convida a refletir sobre a capacidade criativa dos sujeitos e das

---

<sup>6</sup> RODRIGUES, Heliana. Cura, culpa e imaginário radical em Cornelius Castoriadis. *Psicol. USP* 9 (2), 1998

<sup>7</sup> MEIRA, Fabio Bittencourt. Castoriadis (o instituinte) e a instituição. *EnANPAD* - Rio de Janeiro, 2010

sociedades em reproduzir significados coletivos, questionar normas e procurar formas autônomas de autogovernar-se. A tensão entre instituído e instituinte é o que dá à sociedade sua capacidade de mudar e evoluir ao longo do tempo.

As instituições sociais são criadas e mantidas por meio das significações imaginárias sociais (SIS), que são a expressão coletiva das crenças, ideias e valores da sociedade. Segundo Castoriadis, a SIS é formada por elementos heterogêneos e contingentes, que são construídos pelos indivíduos e pelos grupos sociais, e que possuem uma dimensão instituinte, ou seja, que têm o poder de criar novos sentidos e novas instituições sociais. Assim, as instituições sociais não são algo dado ou natural, mas sim algo que é construído e mantido pelas pessoas e pelos grupos sociais de uma comunidade. É por meio da criação das SIS que os indivíduos constroem e mantêm os significados e valores que formam a base das instituições sociais.<sup>8</sup>

Uma outra abordagem de imaginário social pertinente é trazida por Gilbert Durand (1995), um antropólogo e sociólogo francês que buscou compreender a dimensão simbólica e imaginativa da cultura e sociedade pesquisando os padrões e arquétipos que orientam os processos de significação e organização social. Durand compreende o imaginário como uma dimensão importante da vida humana, permeando todos os aspectos da cultura e sociedade, argumentando que o imaginário funciona como uma espécie de repositório de símbolos, imagens, mitos e narrativas coletivas que formam a percepção e representação da realidade.

A obra "A Imaginação Simbólica" (1995) de Gilbert Durand se baseia na análise dos símbolos presentes na cultura e na produção artística. Durand explora a lógica simbólica em ação nas imagens, tanto culturais quanto individuais, utilizando a antropologia, a psicologia e a história das religiões como ferramentas de análise. O autor demonstra como o imaginário transcendental presente nas imagens culturais, como séries e novelas, pode gerar sensação de familiaridade, segurança e distração do cotidiano, contribuindo para o sucesso de tais produções.<sup>9</sup>

A teoria do imaginário de Durand é frequentemente associada à teoria das representações sociais de Serge Moscovici, sendo utilizada para se compreender a estrutura do imaginário social em diferentes contextos. A partir da teoria do imaginário, Durand propõe a

---

<sup>8</sup> BRAZ, M.; HASHIMOTO, F. Significações imaginárias sociais e novos modos de sofrimento no trabalho: contribuições a partir da sociologia clínica.  *Gerais, Rev. Interinst. Psicol*, Belo Horizonte, v. 11, n. 2, p. 339-362, 2018.

<sup>9</sup> PITTA, D. P. R.. Imaginário Serial: Compartilhamento De Arquétipos. *Rumores*, 22(11), 27-40. 2017.

mitanálise como uma ferramenta capaz de explorar o modo como as imagens e símbolos se relacionam com o desenvolvimento das representações sociais.<sup>10</sup>

Logo, o imaginário social de Durand, formulado na obra “As estruturas antropológicas do imaginário” (2012), conclui que estas estruturas simbólicas são estruturas universais e transindividuais presentes em todas as culturas e partilhadas no seio de grupos sociais, formuladas na obra. Estas estruturas são reflexos de desejos, medos, esperanças e aspirações da sociedade, proporcionando um arcabouço simbólico para elucidar o mundo. Neste contexto, o autor introduz o conceito de “imagens do imaginário”, sendo elas as representações simbólicas recorrentes presentes nas narrativas culturais. Essas imagens são arquétipos que expressam aspectos fundamentais da condição humana e sociedade, como herói, sacrifício, paraíso, monstro etc. Eles fornecem modelos para compreensão e expressão de experiências individuais e coletivas. Durand ressalta o valor dos estudos de símbolos e mitos na compreensão da estrutura e dinâmica do imaginário social.

Outro sociólogo que desenvolveu estudos sobre as transformações sociais foi o francês Michel Maffesoli, que trabalhou o conceito de “imaginação coletiva” argumentando que as estruturas sociais formais, como organizações e instituições, existem em uma dimensão imaginativa e simbólica que influencia a vida social, pois a imaginação coletiva se manifesta nas práticas culturais e fortalecem os laços sociais que promovem um senso de comunidade dentro do grupo.<sup>11</sup>

O conceito de imaginação coletiva de Michel Maffesoli contribui para áreas de estudos culturais e sociologia, pois o autor argumenta que existe um tecido social que se baseia nas relações informais, nas afetividades e nas formas de solidariedade que se desenvolvem na vida cotidiana e que fazem parte do que ele chama de “imaginação coletiva”.<sup>12</sup> A imaginação coletiva é um conceito que se refere às imagens, símbolos, rituais, crenças, valores e emoções compartilhadas por um grupo de pessoas. É uma forma de pensamento coletivo que é capaz de unir as pessoas em torno de um objeto de interesse comum. A formulação de Maffesoli sobre a imaginação coletiva é importante para ajudar a entender como as pessoas constroem e compartilham significados e emoções em suas vidas cotidianas e em suas práticas coletivas.<sup>13</sup>

---

<sup>10</sup> ARAUJO, A., AZEVEDO, F. (2017). O Imaginário Educacional Na Perspetiva De Gilbert Durand. *Educ. Real.*, 1(43), 73-95.

<sup>11</sup> MAFFESOLI, M. O imaginário é uma realidade. *Revista FAMECOS Porto Alegre*, nº 15, agosto de 2001. P.74-82

<sup>12</sup> LEAL, Z. S., LINS, E. S.. O Imaginário Coletivo Na Mídia: Uma Análise Sensível Da Cobertura Do Telejornal Na Transposição Das águas Do Velho Chico. *Fronteiras*, 3(21). 2019.

<sup>13</sup> BARROS, E. (2008). Maffesoli e a “Investigação Do Sentido” – Das Identidades às Identificações. *CSU*, 3(44), 181-185.

Por sua vez, o filósofo canadense Charles Taylor formula a partir de uma abordagem conceitual de imaginário coletivo e identidade a intrínseca ligação do ser humano como um ser social, ou seja, que depende da interação com os outros para construir sua própria identidade. A argumentação de Taylor é da identidade como um fenômeno não puramente individual, mas com raízes firmes em contextos socioculturais amplos. O autor investiga como as pessoas constroem suas identidades com relação aos grupos sociais em que estão inseridos e como estas identidades são modeladas pelo imaginário coletivo partilhado por estes grupos.<sup>14</sup>

Para Taylor, o imaginário coletivo diz respeito a um conjunto de valores, crenças, símbolos, imagens e narrativas partilhados em uma comunidade ou sociedade, que desempenham papel crucial na formação de identidade por fornecer um quadro interpretativo que orienta o entendimento do mundo e significados compartilhados. Charles destaca o imaginário coletivo como algo não estático, mas com uma evolução ao longo do tempo à medida que a sociedade muda e se transforma. O autor examina as mudanças históricas, políticas e culturais e como elas afetam o imaginário coletivo e influenciam as formações de identidades coletivas e individuais. Taylor enfatiza o reconhecimento na construção de identidade.

Para Taylor, o imaginário coletivo é um aspecto fundamental da vida social, que é construído através de símbolos, narrativas e práticas culturais compartilhadas. Em sua obra “As Fontes do Self” (1997), ele afirma que as identidades pessoais são forjadas em um contexto de diversas identidades coletivas que são adquiridas por meio de nossas relações com a comunidade e as formas culturais que partilhamos com ela. Por outro lado, Taylor também fala sobre a ideia de identidade pessoal, argumentando que a identidade só pode ser entendida em relação à nossa história individual e as experiências específicas que temos ao longo do tempo. Ele propõe que a identidade é uma construção narrativa, na qual as pessoas se engajam em um diálogo interno com suas experiências e os sistemas simbólicos que moldam sua compreensão de si mesmos e do mundo. Em resumo, as formulações de Charles Taylor sobre o imaginário coletivo e identidade mostram que esses conceitos são fundamentais no entendimento da vida social, construídos através de práticas culturais compartilhadas e das histórias individuais das pessoas.

O conceito de identidade social foi desenvolvido e expandido em diferentes ângulos por diversos teóricos. Um deles foi Stuart Hall, influente teórico cultural britânico, que estuda a

---

<sup>14</sup> PONTES, N. Classes Sociais, Identidade E Reconhecimento: Críticas Bourdieusianas a Charles Taylor. *Mediações - Rev. Cien. Soc.*, 2(16), 266, 2012.

identidade social referindo-se a forma como os indivíduos constroem e negociam suas identidades em relação aos grupos sociais, contextos culturais e estruturas de poder. Hall profere críticas às abordagens prévias que concebiam a identidade como algo predefinido, unificado e estável, pois o autor argumenta que identidade é construída através de discursos, representações simbólicas e práticas culturais que moldam forças sociais, históricas e políticas. Stuart enfatiza a agência individual da construção da identidade e ao mesmo tempo que reconhece as limitações impostas pelo contexto social mais abrangente em obras como “A identidade cultural na pós-modernidade” (2006).

Hall argumenta que a identidade social não é uma coisa inata ou natural, mas sim uma construção social que é influenciada pelas experiências sociais, culturais e políticas das pessoas. Mais especificamente, Hall argumenta que as identidades são construídas através de processos discursivos que se baseiam em relações de poder e dominação. Ele enfatiza que a identidade não é algo fixo ou permanente, mas sim algo que é continuamente negociado e construído em relação às mudanças sociais e históricas.<sup>15</sup>

Uma das principais ideias de Hall é a identidade como forma de representação, visto que os indivíduos se erguem como sujeitos ao se identificarem com determinados discursos, categorias e narrativas disponíveis na sociedade. As representações são influenciadas por fatores como classe, raça, gênero, sexualidade e nacionalidade, e estas representações são mediados por hierarquias sociais e relações de poder. Neste contexto, uma grande contribuição de Hall foi na dimensão de compreensão do “Outro” na formação de identidade social. A argumentação aborda as identidades como construções por meio de processos de diferenciação e oposição a grupos e categorias considerados diferentes ou “Outros”. Ou seja, a identidade como sempre relacional e construída em relação a outras identidades. Ele examina o papel do “Outro” na formação da identidade, destacando como as diferenças culturais são frequentemente usadas para excluir e marginalizar certos grupos. Hall também enfatiza a importância de reconhecer e valorizar a diversidade cultural, desafiando as noções tradicionais de identidade fixa e unificada. Ademais, Hall discute o conceito de identidades híbridas e transculturais, enfatizando que as identidades não são fixas ou homogêneas, mas compostas por elementos diversos e fluidos, pois a globalização e processos de migração e deslocamento

---

<sup>15</sup> HALL, S. Quem precisa da identidade? In T. T. Silva, S. Hall, & K. Woodward, *Identidade e Diferença: A perspectiva dos estudos culturais* (pp. 103-133). Vozes. 2013.

cultural contribuem para as formações de identidades complexas que transpassam fronteiras e combinam influências culturais diversas e divergentes.<sup>16</sup>

O impacto da identidade e seu poder nas relações sociais, culturais e políticas é um tema analisado por Manuel Castells em "O Poder da Identidade" (2018). Castells argumenta que a identidade, tanto individual quanto coletiva, desempenha um papel central na sociedade atual. Ele explora como as identidades são defendidas e reafirmadas por meio de movimentos sociais, grupos étnicos, religiosos, culturais e de gênero, bem como como o poder é negociado no contexto dessas identidades. O autor destaca a importância da cultura e da comunicação na formação e na transformação das identidades. Ele analisa como diferentes formas de identidade são construídas e contestadas em meio a processos de globalização, migração e transformações tecnológicas. Além disso, Castells enfatiza que as identidades não são fixas ou estáticas, mas surgem e se transformam em resposta às condições sociais e políticas do mundo contemporâneo. Ele examina os processos de construção e reconstrução identitária, destacando as lutas por reconhecimento e inclusão que ocorrem em diferentes contextos. O autor também aborda questões de poder e resistência, e como diferentes identidades buscam desafiar e reivindicar seu espaço na sociedade. Castells destaca a importância das identidades subalternas e dos movimentos sociais como agentes de transformação e contestação política.

Outra abordagem da identidade como uma característica não essencial das pessoas, mas sim uma realização prática que se amplia por meio de um processo de reflexividade foi postulada por Anthony Giddens, renomado sociólogo britânico que fundamentou sua teoria da modernidade e compreensão das mudanças sociais e individuais na sociedade contemporânea, onde entende-se a identidade como construção ativa e reflexiva que envolve autocompreensão e autorrepresentação dos indivíduos.

Giddens comenta em "Modernidade e identidade" (2002) que a identidade é moldada pelas interações entre estruturas sociais e a agência individual, onde a estrutura social se refere aos conjuntos de padrões, instituições e normas que orientam a vida social, enquanto a agência individual diz respeito à capacidade dos indivíduos em agir e tomar suas próprias decisões dentro do contexto social, pois a identidade é formada no encontro entre forças estruturais e a capacidade de agência do indivíduo. O autor destaca o papel da modernidade tardia na transformação da identidade, argumentando que na sociedade moderna as tradições de vida perderam a influência, onde os sujeitos foram forçados a enfrentar a tarefa de construir suas

---

<sup>16</sup> HALL, S. O Espetáculo do "Outro" In. Cultura e representação. tradução Daniel Miranda e William Oliveira - Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

identidades de forma autônoma e mais reflexiva, resultando em uma diversidade e pluralidade de identidades vasta, visto que as pessoas passaram a ter mais liberdade para escolher suas orientações e expressões identitárias.

Giddens propõe que a identidade moderna é caracterizada pela reflexividade, ou seja, a capacidade dos indivíduos de refletir sobre si mesmos e tomar decisões com base nessa reflexão. Ele argumenta que a reflexividade é uma característica central das sociedades contemporâneas, nas quais os indivíduos têm uma ampla gama de possibilidades e opções para moldar suas identidades. No entanto, Giddens também destaca que a reflexividade traz consigo a ansiedade e a incerteza, pois os indivíduos são responsáveis por definir e sustentar suas identidades em um mundo em constante mudança. Ele observa que essa reflexividade individual também está enraizada em estruturas sociais mais amplas, como o sistema econômico e a cultura dominante. A abordagem de identidade de Anthony Giddens enfatiza a reflexividade e a construção ativa do self.<sup>17</sup>

## **2.2 Teoria da Representação Social**

O campo de estudos de teorias de representação sociais se dá por abordagens interdisciplinares que buscam entender como as pessoas constroem seu conhecimento sobre o mundo social e como estas pessoas representam mentalmente este conhecimento objetivo em eventos e fenômenos sociais do dia a dia, em suas interações e discursos. Estas teorias de representação vêm sendo aplicadas em diversas áreas de conhecimento e pesquisa, como a psicologia social, antropologia, sociologia e comunicação.

Um dos principais teóricos da Teoria das Representações Sociais (TRS) foi Serge Moscovici, que afirma em sua abordagem no livro “O fenômeno das representações sociais” (2003) que as representações sociais são uma forma de conhecimento compartilhado que permite aos indivíduos dar sentido ao mundo ao seu redor. Ele argumenta que as representações sociais são construídas coletivamente por meio da interação entre os membros de um grupo ou sociedade, refletindo as influências culturais, históricas e sociais presentes nesse contexto. Contudo, as pessoas não recebem informações do mundo social exclusivamente, mas também criam e transformam significados e interpretações destas informações baseados em suas experiências e contextos sociais. A abordagem teórica busca compreender como as pessoas

---

<sup>17</sup> BOTELHO, A. HOELZ, M. Sociologias da literatura: Do reflexo à reflexividade. *Tempo Social*, revista de sociologia da USP, v. 28, n. 3, Sociologias da literatura, p. 263-287

constroem e compartilham significados e conhecimentos sobre diferentes aspectos da realidade social.

Essa teoria destaca que as representações sociais são construídas coletivamente e influenciadas pelas interações sociais, pela cultura e pelo contexto histórico. Moscovici aponta que as representações sociais são construções compartilhadas que surgem das relações entre os indivíduos dentro de uma sociedade, sendo influenciadas por diversos fatores. Assim, as representações moldam processos de comunicação e negociam entre indivíduos e grupos mediados por fatores de poder, status e identidade social. O autor argumenta que estas representações são influenciadas por fatores sociais como conflitos, inovações e mudanças das estruturas sociais, ressaltando a importância da interação entre indivíduos e grupos na construção dinâmica e mutável destas representações ao longo do tempo.<sup>18</sup>

As representações sociais abordam como as pessoas constroem conhecimentos e atribuem significados a determinados objetos, eventos ou fenômenos sociais. Essas representações são compartilhadas dentro de um grupo social e ajudam a criar uma compreensão comum da realidade e a orientar as práticas sociais. Elas também são dinâmicas e podem mudar ao longo do tempo à medida que novas informações ou experiências são incorporadas.

Uma importante contribuição do autor é sua abordagem das representações sociais por meio do conceito de ancoragem e objetivação. O processo pelo qual a representação social é difundida nas experiências pessoais das pessoas e nas estruturas cognitivas existentes é chamado de ancoragem, já o processo de transformação das representações sociais em símbolos ou objetos efetivos, viabilizando a comunicação e a transmissão das ideias é chamado de objetivação. Os estudos de Moscovici são aplicados em múltiplas áreas como da saúde, meio ambiente, mídia e política, capaz de fornecer uma visão sobre como as pessoas interpretam e reagem a diferentes questões sociais.<sup>19</sup>

Outra figura de peso no campo de estudos da TRS é a psicóloga social francesa Denise Jodelet, que realizou um estudo que veio a se tornar um marco nos estudos da área intitulado “As representações sociais” (1993). A autora argumenta que as representações sociais são construções sociais partilhadas que surgem de interações entre indivíduos e grupos em uma

---

<sup>18</sup> MARKOVÁ, I. A fabricação da teoria de representações sociais. *Cadernos de Pesquisa* v.47 n.163 p.358-375 jan./mar. 2017 <https://doi.org/10.1590/198053143760>

<sup>19</sup> BERTONI, L.; GALINKIN, A. Teoria e métodos em representações sociais. In: MORORÓ, L. P., COUTO, M. E. S., e ASSIS, R. A. M., orgs. *Notas teórico-metodológicas de pesquisas em educação: concepções e trajetórias* [online]. Ilhéus, BA: EDITUS, 2017, p. 101-122. ISBN: 978-85- 7455-493-8.

sociedade, e essas representações são influenciadas pela cultura, história e contexto social. O trabalho de Denise é fundamentado na abordagem teórica desenvolvida por Serge Moscovici.

A pesquisa de Jodelet se concentra em investigar as representações sociais em temas delicados e controversos, como temáticas de preconceito, identidade, conflitos e mudanças culturais. O trabalho da autora é caracterizado por uma abordagem multidisciplinar, incorporando conceitos e métodos a psicologia social, sociologia, antropologia e ciências da comunicação. Denise traz ênfase na abordagem da dimensão simbólica das representações sociais, argumentando que são formas de conhecimento compartilhados que envolvem não apenas aspectos cognitivos, mas igualmente aspectos afetivos e simbólicos. Assim, elas são construídas e transmitidas através de processos de comunicação e interação social, influenciadas por fatores culturais, históricos e contextuais.

Jodelet destaca que as representações sociais são formas particulares de construção de conhecimento, que surgem a partir da interação entre os indivíduos e o contexto social em que vivem. Ela argumenta que as representações não são apenas produtos individuais, mas também são influenciadas e compartilhadas dentro de um grupo social maior. A abordagem sociogenética proposta por Jodelet enfatiza a influência da cultura, das normas e dos sistemas de significados na construção das representações sociais. Ela destaca que as representações são moldadas pelas experiências e pela história de vida dos indivíduos, bem como pelas condições sociais e culturais em que estão inseridos.<sup>20</sup>

A pesquisadora também introduz a noção de um objeto representacional para descrever como as representações sociais são ancoradas em objetos concretos ou simbólicos servindo como ponto referencial para a compreensão e a comunicação social. Estes objetos representacionais podem ser tangíveis ou simbólicos, como imagens ou artefatos, estereótipos, mitos ou narrativas. Jodelet destaca a relevância dos processos de negociação e conflito na formação e transformação das representações sociais, argumentando que as representações são dinâmicas e podem ser contestadas e redefinidas através do confronto de diferentes pontos de vista e discursos sociais, pois a interações entre grupos e perspectivas é fundamental para a construção coletiva do significado social.<sup>21</sup>

A noção de objeto representacional se refere aos objetos, idéias ou fenômenos que são alvo das representações sociais. Esses objetos representacionais são construídos e elaborados

---

<sup>20</sup> TOMÉ, A.; FORMIGA, N. Abordagens Teóricas E O Uso Da Análise De Conteúdo Como Instrumento Metodológico Em Representações Sociais. *Psicodebate*, 2(6), 97-117. <https://doi.org/10.22289/2446-922x.v6n2a7>

<sup>21</sup> WACHELKE, J.; CAMARGO, B. Representações sociais, representações individuais e comportamento. *Interam. j. psychol.*, Porto Alegre, v. 41, n. 3, p. 379-390, dez. 2007

cognitivamente pelos indivíduos, a partir das interações sociais e do contexto cultural em que estão inseridos. Jodelet destaca que os objetos representacionais não são apenas produtos individuais, mas também são construídos e compartilhados dentro de um grupo social. Eles são influenciados pela cultura, pelas ideologias e pelos discursos predominantes na sociedade. Os objetos representacionais são, portanto, fenômenos sociais que possuem significados compartilhados que ajudam a dar sentido e orientar as ações das pessoas em relação a eles. A noção de objeto representacional é fundamental porque mostra como esses objetos são construídos, transformados e disseminados dentro de uma determinada realidade social. Os objetos representacionais não são estáticos, mas sim dinâmicos e influenciados pelas interações sociais e pelas mudanças nas estruturas sociais.

Outro psicólogo social francês que se destacou nos estudos do campo da TRS foi Jean-Claude Abric com sua abordagem mais estrutural das representações sociais, enfatizando os sistemas de organização de conhecimento que refletem a posição social e as relações de poder dos indivíduos em uma dada sociedade. Para Abric, as representações sociais são construídas através da interação social e são influenciadas por vários fatores, incluindo as relações de poder, pois são organizadas em torno de um núcleo central que contém as crenças e valores mais importantes que os indivíduos possuem sobre um determinado objeto ou fenômeno social.<sup>22</sup>

Essa abordagem se baseia na ideia de que as representações sociais possuem uma estrutura interna composta por elementos fundamentais que são compartilhados pelo grupo social. O núcleo central das representações é formado por aquilo que é considerado essencial e característico do objeto representado. A análise das representações sociais a partir da abordagem estrutural de Abric busca identificar os elementos centrais que compõem as representações e sua organização interna. Isso é feito por meio de técnicas de evocação de palavras ou associação livre, que permitem acessar as representações compartilhadas pelos membros de um determinado grupo. Os estudos que utilizam a abordagem estrutural de Abric buscam compreender como esses elementos centrais das representações são construídos e como influenciam as percepções, atitudes e comportamentos das pessoas em relação aos objetos representados. Essa abordagem também permite identificar as diferenças e semelhanças nas representações em diferentes grupos sociais.

---

<sup>22</sup> SANTOS, M. A Teoria Das Representações Sociais Como Referencial Didático-metodológico De Pesquisa No Campo Das Ciências Humanas E Sociais Aplicadas. *Emancipação*, 1(13), 2013, 9-21.

### 3 COMUNICAÇÃO E RECONHECIMENTO

Neste capítulo serão abordados os tópicos de cultura e meios de comunicação, e como os dois andam e funcionam juntos em sua complementação baseados em autores como Marshall McLuhan, Stuart Hall, Sherry Turkle, Henry Jenkins e Manuel Castells. Após, adentra-se na discussão de temas sobre reconhecimento social e como o desrespeito e os valores sociais podem ser interpretados e violados publicamente, apresentando literatura e conceitos de Rousiley Maia, Martha Nussbaum, Axel Honneth e Avishai Margalit.

#### 3.1 Cultura e Comunicação

Marshall McLuhan, em sua obra "Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem" (1964), argumenta que as tecnologias de comunicação não são meramente instrumentos que ajudam as pessoas a se comunicarem, mas sim são extensões dos sentidos e capacidades humanas. Para McLuhan, essas extensões transformam a experiência humana e a própria sociedade. Cada meio de comunicação possui características que os distinguem dos demais, afetando a maneira como as pessoas pensam, sentem e se comportam. Ele usa a metáfora do "meio é a mensagem" para enfatizar a importância dessas características. Assim, o conteúdo específico transmitido através de um meio de comunicação é menos importante do que as mudanças na percepção e na compreensão que o meio provoca.<sup>23</sup>

McLuhan argumenta, por exemplo, que a escrita é um meio de comunicação que estende a capacidade humana de memorização, mas também altera a maneira como as pessoas pensam e se relacionam com o tempo e o espaço. A televisão, por outro lado, é um meio que estende a percepção visual e auditiva, mas também pode influenciar a maneira como as pessoas processam informações e interpretam o mundo. McLuhan (1964) enfatiza que as extensões tecnológicas não são neutras, mas possuem uma influência poderosa sobre a sociedade e a cultura. Ele argumenta que o desenvolvimento de tecnologias de comunicação está intimamente ligado a mudanças históricas, culturais e sociais, e que é preciso entender essas mudanças para compreender o impacto dos meios de comunicação na sociedade. Assim, para Marshall, os meios de comunicação são mais do que ferramentas para comunicar, mas sim extensões do

---

<sup>23</sup> DUGNANI, P. Meios Mornos: Reflexões Sobre a Classificação Dos Meios De Comunicação Na Era Do Digital. RAE-IC, 18(9), 2022

homem que moldam a percepção e a compreensão da realidade, afetando a sociedade e a cultura de maneiras profundas e duradouras.<sup>24</sup>

Diversos teóricos realizaram formulações e estudos sobre o poder nos meios de comunicação no processo de troca e interpretação, assim como seu reflexo nas práticas culturais. Um deles foi o famoso teórico cultural britânico Stuart Hall, que fez importantes contribuições para o campo dos estudos culturais. Sua visão sobre a representação social se concentra na forma como os meios de comunicação de massa e outras instituições culturais criam e disseminam imagens e ideias sobre o mundo social. Hall argumenta em “Cultura e Representação” (2016) que as representações sociais são construídas através de práticas culturais e instituições que produzem significados compartilhados. Ele enfatiza que as representações sociais são criadas e disseminadas por meios de comunicação de massa, como a televisão, o cinema e a imprensa, bem como por outras instituições culturais, como a arte, a literatura e a educação.

Segundo Hall, as representações sociais são construídas através do uso de códigos e linguagens culturais que são compartilhados por diferentes grupos sociais. Ele argumenta que as representações sociais não são simples reflexos da realidade social, mas sim construções simbólicas que são moldadas pelos interesses e perspectivas dos produtores culturais e pelas expectativas e interpretações dos consumidores culturais. Hall também destaca a importância do contexto social e histórico na construção das representações sociais. Ele argumenta que as representações sociais são moldadas por fatores como a história, a política, a economia e as relações de poder em uma sociedade. Portanto, as representações sociais podem mudar ao longo do tempo e serem contestadas e redefinidas por diferentes grupos sociais.

Para Stuart Hall (2016), a cultura é uma construção social, formada por uma complexa rede de significados, símbolos e práticas que são produzidos e reproduzidos pela sociedade. A cultura é, portanto, um processo dinâmico, em constante transformação, que reflete as experiências e as lutas sociais em um determinado momento histórico. Nesse contexto, a representação é fundamental para entender a cultura, pois é através dela que os significados são produzidos e compartilhados socialmente. Para Hall, as representações são construções culturais que ajudam a organizar e dar sentido ao mundo social. Elas estão presentes em diferentes formas, como nas imagens, nas palavras, nas práticas e nas relações sociais, e são mediadoras entre os indivíduos e a realidade social.

---

<sup>24</sup> MORAIS, O. McLuhan Desdobrado: Teorias, Conceitos, Tecnologias E Rupturas. RICD, 11(3), 2020, 22-29.

As representações culturais são, portanto, centrais para entender a construção das identidades sociais e das diferenças culturais. Elas estão presentes em todos os aspectos da vida social, desde as formas de comunicação até as instituições políticas e econômicas. Além disso, as representações podem ter diferentes graus de poder e influência na sociedade, dependendo do contexto histórico e das relações de poder existentes. Assim, para Stuart Hall, a cultura e as representações são fundamentais para compreender a dinâmica social e as formas de resistência e luta por mudanças sociais. Através da análise das representações culturais, é possível identificar as contradições e as tensões existentes na sociedade, bem como as possibilidades de transformação social.

Uma das contribuições centrais de Stuart Hall foi a teoria da codificação e decodificação, que se tornou um conceito-chave nos estudos culturais. Ele argumentava que a produção cultural, como a mídia de massa, não era apenas um processo de transmissão de mensagens, mas sim um processo complexo de codificação e decodificação, no qual o significado era negociado e contestado pelos produtores e consumidores culturais. Segundo Hall, na teoria da codificação e decodificação, as mensagens culturais são codificadas por produtores culturais, como os criadores de mídia, de acordo com suas intenções e significados. No entanto, a maneira como essas mensagens são interpretadas e decodificadas pelos receptores pode variar, influenciada pelo contexto social, pelas experiências individuais e pelas interpretações culturais dos receptores.<sup>25</sup>

Hall identificou três posições de decodificação possíveis: dominante, negociada e oposicional. A decodificação dominante ocorre quando os receptores interpretam a mensagem cultural de acordo com a codificação pretendida pelos produtores culturais. A decodificação negociada acontece quando os receptores aceitam alguns elementos da mensagem, mas também fazem interpretações próprias e adaptadas às suas experiências e valores. Já a decodificação oposicional ocorre quando os receptores rejeitam totalmente a mensagem dominante e a reinterpretam de acordo com perspectivas opostas. Essa teoria ressalta que a decodificação não é um processo unidirecional, passivo ou determinado pelos produtores culturais. Ela reconhece o papel ativo dos receptores em interpretar e atribuir significado às mensagens culturais, considerando suas próprias expectativas, conhecimentos e valores.

Hall também trouxe à tona a questão do poder na produção e circulação da cultura. Ele argumentava que a cultura não era apenas uma esfera de entretenimento ou expressão artística,

---

<sup>25</sup> FERREIRA, G.; HEEMANN, A. O modelo de codificação e decodificação de Stuart Hall e as atuais Interfaces Naturais de Usuário. DAPesquisa, Florianópolis, v. 13, n. 21, p. 43-58, dez., 2018. ISSN 1808-3129.

mas também um terreno de luta política e ideológica. Hall destacava a importância de analisar as relações de poder envolvidas na produção cultural e como elas moldam as representações, os discursos e as práticas sociais. Ele estava particularmente interessado nas formas pelas quais as estruturas de poder dominantes operam para moldar e restringir as possibilidades de significado e ação das pessoas marginalizadas ou subalternizadas.

Como um dos mais proeminentes sociólogos contemporâneos, os estudos de Manuel Castells são amplamente reconhecidos e influentes na área dos estudos de mídia e comunicação, especificamente em relação às transformações sociais e culturais na era da informação. Castells oferece uma análise abrangente e crítica das relações entre a sociedade e as tecnologias de comunicação. Uma das principais contribuições de Castells é a sua teoria da sociedade em rede. "A Sociedade em Rede" (1999) de Manuel é uma obra seminal que descreve a transição da sociedade industrial para a sociedade da informação e da comunicação. Castells explora as transformações sociais, políticas e culturais resultantes do avanço das tecnologias de comunicação e da formação de redes interconectadas. Na obra, Castells argumenta que a sociedade contemporânea é moldada por uma nova forma organizacional que ele chama de "rede". Ele descreve como as redes estão presentes em várias esferas da vida social, como econômica, política, cultural e nas relações pessoais. Além disso, ele enfatiza a importância das tecnologias de comunicação e informação na formação e expansão dessas redes.

Segundo Castells, a sociedade em rede é caracterizada pela lógica da informação e da interconexão global. Ele destaca a importância das tecnologias de comunicação na formação de uma nova estrutura social, onde o fluxo de informações e a capacidade de se comunicar em tempo real são fundamentais. Castells (1999) analisa como a sociedade em rede impacta diversas esferas da vida. Além disso, o autor destaca o papel central da tecnologia na produção e disseminação de informações e conhecimento. Ele argumenta que o capitalismo informacional, caracterizado pela produção e distribuição de bens simbólicos e serviços baseados no conhecimento, é uma forma predominante de organização econômica na sociedade em rede. Castells também enfatiza a importância da cultura da informação e a necessidade de alfabetização midiática para participar plenamente da sociedade em rede.

Outro aspecto dos estudos de Castells é a análise das dinâmicas sociais e políticas relacionadas à globalização. Ele explora como as redes de comunicação contribuem para a criação de uma economia global interconectada, mas também destaca as desigualdades e os conflitos resultantes desse processo. Castells examina as relações de poder na sociedade em rede, destacando como grupos e organizações se mobilizam e resistem por meio das redes de comunicação. É importante ressaltar que os estudos de Castells têm uma perspectiva crítica

sobre as implicações sociais da sociedade em rede. Ele argumenta que, embora as tecnologias de comunicação ofereçam oportunidades para a participação democrática e ação coletiva, elas também podem contribuir para a exclusão social, a vigilância e o controle. Castells enfatiza a importância de uma governança democrática e inclusiva das redes de comunicação, para garantir que os benefícios sejam distribuídos de forma equitativa e que a diversidade cultural seja preservada.

A obra "O Poder da Comunicação" (2013) de Manuel Castells é uma significativa contribuição para a compreensão do papel da comunicação na sociedade contemporânea. Ao longo da obra, Castells analisa como a comunicação configura as relações de poder e influência a política, a cultura e a identidade. Castells enfatiza o poder da comunicação na formação e na transformação da sociedade. Ele destaca como as tecnologias de comunicação, como a internet e as mídias sociais, possibilitam a mobilização, a organização e a resistência de diferentes grupos sociais. Além disso, ele examina como a comunicação molda as identidades individuais e coletivas, influenciando a construção de significados e a formação de comunidades virtuais. O autor também destaca a importância dos fluxos de informação e a interconexão global na era da informação. Ele descreve como a comunicação em rede transcende fronteiras geográficas e reconfigura as estruturas de poder, desafiando as hierarquias tradicionais.

Adiante, o renomado estudioso do campo de estudos de mídia e da cultura contemporânea, Henry Jenkins, examina as transformações na produção, distribuição e consumo de conteúdo midiático na era digital na obra "Cultura da convergência" (2009). Jenkins introduz o conceito de convergência midiática, que se refere à interação e interconexão de diferentes mídias e plataformas, como televisão, cinema, internet, jogos eletrônicos e dispositivos móveis. Ele argumenta que, com a convergência, as fronteiras entre essas mídias estão se tornando cada vez mais fluidas, resultando em novas formas de narrativa e participação do público.

Uma das ideias centrais de Jenkins é a noção de cultura participativa. Ele observa que, com o advento das tecnologias digitais, as audiências não são mais meros receptores passivos de conteúdo, mas também se tornaram produtores ativos. A cultura participativa envolve a colaboração e a interação entre os consumidores de mídia, que agora podem criar, compartilhar e remixar conteúdo de várias formas. Jenkins enfatiza a importância das comunidades virtuais e das plataformas de compartilhamento de conteúdo na cultura da convergência. Ele destaca que a internet e as redes sociais têm possibilitado a formação de grupos de interesse e fãs em torno de temas específicos, criando espaços para discussões, intercâmbio de informações e

produção coletiva. Essas comunidades virtuais podem se tornar poderosos agentes de mudança cultural e social.

Jenkins também discute os desafios e as tensões que surgem com a cultura da convergência. Ele destaca a importância de garantir o acesso equitativo à participação e à produção de conteúdo, evitando a criação de divisões digitais. Além disso, ele levanta preocupações sobre a propriedade intelectual e os direitos autorais no contexto da cultura participativa, enfatizando a necessidade de uma abordagem equilibrada que promova a criatividade e a inovação. Em suma, os estudos de Henry Jenkins, como apresentados em "Cultura da Convergência", oferecem uma visão abrangente e inovadora das transformações na cultura midiática na era digital. Ele destaca a importância da participação ativa do público, das comunidades virtuais e da transmediação, enquanto aborda as implicações sociais, culturais e políticas dessas mudanças. Seu trabalho continua a ser uma referência fundamental para os estudos de mídia e cultura contemporâneos.

Os estudos de Sherry Turkle têm sido altamente influentes no campo dos estudos de mídia e comunicação, especialmente no que diz respeito aos impactos das tecnologias digitais nas interações humanas e nas dinâmicas sociais. Como psicóloga social e professora do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT), Turkle investiga as relações complexas entre as pessoas e as tecnologias de comunicação. Uma das principais contribuições de Turkle é sua pesquisa sobre as interações humanas em um mundo digitalizado. Em seu livro "Alone Together" (2011), ela explora como as tecnologias, como smartphones, redes sociais e robôs, afetam as relações interpessoais e a construção da identidade. Turkle argumenta que, embora essas tecnologias prometem conectar as pessoas, elas também podem levar à solidão e à desconexão emocional.

Turkle identifica a necessidade humana básica de conexão e intimidade, e analisa como as tecnologias digitais podem afetar essas necessidades. Ela investiga o impacto das interações mediadas por computador, que muitas vezes são mais superficiais e menos autênticas do que as interações face a face. Turkle observa que, em muitos casos, as pessoas preferem se comunicar virtualmente, evitando o contato pessoal direto, o que pode levar à perda de habilidades de comunicação interpessoal. Além disso, Turkle explora as implicações das tecnologias de comunicação na construção da identidade individual e coletiva. Ela argumenta que, no mundo digital, as pessoas são capazes de moldar e reinventar suas identidades de maneiras novas e complexas. No entanto, ela destaca a necessidade de equilibrar a liberdade de experimentar identidades online com a autenticidade e a integridade do eu offline.

### 3.2 Reconhecimento Social

Na obra "The Decent Society" (1996) o filósofo israelense Avishai Margalit trata da questão da decência na sociedade contemporânea. Margalit argumenta que a decência é um valor central na vida social e política, e que a sua ausência pode levar a um estado de desumanização e violência. O autor define a decência como a qualidade de tratar os outros com respeito, não humilhando-os, não explorando-os e não causando-lhes danos desnecessários. Ele argumenta que a decência é essencial para a criação de uma sociedade justa e humanitária, e que é a base para a confiança, a tolerância e o reconhecimento mútuo entre os indivíduos.

Margalit identifica algumas características da sociedade decente, como a proteção dos direitos humanos, a justiça social, a igualdade de oportunidades, a diversidade cultural e a liberdade de expressão. Ele também aborda questões como o papel do Estado na garantia da decência, a relação entre a decência e a democracia, e a importância da memória e da reparação para a construção de uma sociedade mais decente.

Seguindo a linha da decência, "Disrespect" é um conceito fundamental na teoria crítica do filósofo alemão Axel Honneth no livro "Disrespect: The Normative Foundations of Critical Theory" (2007), que desenvolve o conceito de disrespect (desrespeito, em português) como uma forma de opressão social que nega o reconhecimento e a autonomia dos indivíduos. Segundo Honneth, o desrespeito ocorre quando as normas e valores sociais não permitem que as pessoas sejam vistas como indivíduos autônomos e dignos de respeito. Isso pode acontecer de diversas formas, como por exemplo, quando um grupo é marginalizado e não tem acesso aos recursos e oportunidades da sociedade, ou quando uma pessoa é humilhada e tratada com desrespeito por outros membros da sociedade.

Por sua vez, "Luta por reconhecimento" (2003) de Axel Honneth aponta o reconhecimento como um valor fundamental para a vida social e política, e a luta por reconhecimento é uma forma de luta por justiça e igualdade. Honneth entende o reconhecimento como uma relação social entre sujeitos, que envolve tanto a dimensão individual (como o reconhecimento da identidade e da singularidade de cada pessoa) quanto a dimensão coletiva (como o reconhecimento de grupos e comunidades marginalizadas). O reconhecimento, portanto, é uma condição para a realização plena do potencial humano e para a construção de uma sociedade justa e igualitária.

A luta por reconhecimento é a luta contra as formas de opressão e dominação que negam ou distorcem a capacidade das pessoas de serem reconhecidas como sujeitos autônomos e iguais em dignidade. Essa luta pode ocorrer em diversos campos da vida social, como o campo

político, econômico, cultural e relacional, e envolve a demanda por direitos, igualdade de oportunidades, inclusão social e o fim da discriminação. Para Honneth, a luta por reconhecimento não é apenas uma questão de justiça social, mas também uma questão moral. Ele argumenta que a realização plena do potencial humano depende do reconhecimento dos outros, e que a negação desse reconhecimento é uma forma de violência simbólica que pode ter consequências devastadoras para a vida das pessoas.<sup>26</sup>

O desrespeito, portanto, é uma forma de violência simbólica que impede o desenvolvimento pleno dos indivíduos e gera relações sociais de dominação. Para Honneth, a luta contra o desrespeito é uma forma de luta por reconhecimento e uma condição fundamental para a construção de uma sociedade justa e igualitária. Assim, o conceito de desrespeito é central na teoria de Honneth e está diretamente ligado à sua concepção de reconhecimento como um valor fundamental para a vida social e política. A luta contra o desrespeito é, portanto, uma forma de luta por reconhecimento e uma condição para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Seguindo na linha de raciocínio de reconhecimento, em “Recognition and Power” (2007), Honneth aborda a relação entre reconhecimento e poder na sociedade contemporânea, argumentando que o reconhecimento é uma forma de poder social que afeta a capacidade das pessoas de agir e de se desenvolverem como indivíduos autônomos. O livro se baseia em uma análise crítica da obra de Hegel e de outros filósofos da tradição da teoria crítica para mostrar como o reconhecimento é uma dimensão fundamental da vida social e política. Honneth argumenta que o reconhecimento é um processo dinâmico e complexo que envolve a construção de identidades individuais e coletivas, bem como a luta por direitos e a demanda por inclusão social.

Ao mesmo tempo, Honneth mostra como o reconhecimento pode ser usado como uma forma de poder social que reproduz as hierarquias e desigualdades existentes na sociedade. Ele argumenta que o poder do reconhecimento pode ser exercido de forma coercitiva, negando o reconhecimento a certos grupos ou indivíduos e limitando sua capacidade de agir e de se desenvolverem como seres humanos autônomos. Assim, o livro de Honneth oferece uma abordagem crítica e reflexiva sobre a relação entre reconhecimento e poder na sociedade contemporânea, mostrando como o reconhecimento pode ser tanto uma fonte de empoderamento como uma forma de opressão e dominação.

---

<sup>26</sup> CAMPELLO, F. Do reconhecimento a liberdade social. *Cadernos De Ética E Filosofia Política*, 2(23), 2014, 185-199.

Já em “Recognition and the Media” (2014) da pesquisadora brasileira Rousiley Maia, a questão tratada foca na questão do reconhecimento nas sociedades contemporâneas, com ênfase no papel dos meios de comunicação nesse processo. Maia argumenta que o reconhecimento é um valor central na vida social e política, e que a sua ausência pode levar a conflitos e exclusões. Ela identifica duas dimensões do reconhecimento: o reconhecimento social, que se refere à aceitação e valorização dos indivíduos por parte da sociedade, e o reconhecimento político, que se refere à inclusão e participação dos indivíduos nos processos políticos e na tomada de decisões.

A autora examina o papel dos meios de comunicação na construção do reconhecimento, argumentando que eles podem tanto reforçar as desigualdades e estereótipos existentes, quanto contribuir para a valorização da diversidade e a promoção da justiça social. Ela analisa diversas formas de representação na mídia, como a representação de gênero, raça e classe social, e examina como essas representações podem afetar o reconhecimento dos indivíduos. Maia também discute o papel dos movimentos sociais na luta pelo reconhecimento e a importância da participação cidadã na construção de uma sociedade mais inclusiva e justa. Ela enfatiza a importância da ética do reconhecimento, que consiste em reconhecer a diversidade e valorizar a igualdade de oportunidades e direitos para todos.

“Hiding from Humanity: Disgust, Shame, and the Law” (2004) é um livro da filósofa norte-americana Martha Nussbaum que explora o papel que as emoções, em particular o nojo e a vergonha, desempenham na formulação de leis e políticas públicas. Nussbaum argumenta que o nojo e a vergonha são emoções universais que são fundamentais para a construção da identidade pessoal e cultural. No entanto, essas emoções também podem ser usadas para justificar o ódio, o preconceito e a discriminação contra certos grupos, especialmente minorias e grupos marginalizados.

A autora analisa exemplos históricos e contemporâneos em que essas emoções são usadas para justificar práticas discriminatórias e injustas, incluindo o tratamento de grupos minoritários na Alemanha nazista e nos Estados Unidos, bem como a discriminação contra homossexuais e pessoas com deficiência. Nussbaum argumenta que a noção de que certas emoções são “sujeiras” ou “abominações” é uma construção social que pode ser usada para excluir certos grupos da comunidade política e negar-lhes a proteção igualitária sob a lei. Ela defende a importância de reconhecer a humanidade comum em todos os seres humanos, independentemente de sua raça, gênero, orientação sexual ou habilidades físicas.

Ao enfatizar a importância da empatia e da compaixão na formulação de políticas públicas e na construção de comunidades justas e inclusivas, Nussbaum oferece uma reflexão

crítica sobre a relação entre emoções, direito e justiça social. O livro é uma importante contribuição para a teoria política e moral e para o debate sobre a discriminação e a desigualdade na sociedade contemporânea.

## 4 MIGRAÇÕES ASIÁTICAS E O PERIGO AMARELO

Neste capítulo aborda-se as migrações de chineses ao Brasil e a construção de representação social e estereótipo do grupo no imaginário popular, contextualizando questões históricas e comentando sobre a sinofobia e o Covid-19.

### 4.1 Migrações asiáticas ao Brasil

As primeiras migrações asiáticas chinesas ao Brasil são marcadas no começo do século XIX quando um grupo de cerca de 300 chineses de Macau, chegou ao Rio de Janeiro para trabalhar em uma fábrica que havia sido criada na cidade. Estes imigrantes foram trazidos ao Brasil por um comerciante português que já havia vivido em Macau e viu uma oportunidade de estabelecer uma indústria têxtil no país. Contudo, a fábrica não foi bem-sucedida e fechou pouco tempo depois, levando assim muitos dos imigrantes a retornarem à sua terra natal. Após esta primeira leva de imigração chinesa ao Brasil, a presença do povo asiático permaneceu pequena por muitos anos, onde apenas alguns indivíduos chegaram ao país para trabalhar como artesãos ou comerciantes. Somente no final do século XX que a imigração chinesa apresentou um crescimento significativo, impulsionado pelo aumento das relações comerciais entre China e Brasil, e igualmente pelas oportunidades de negócios que surgiram a partir disso. Esta, de forma reduzida, é a história que se conhece popularmente por alto sobre a vinda de chineses ao Brasil, contudo existem alguns detalhes que são esquecidos, propositalmente ou não, mas que valem a pena ser resgatados do nosso passado.

O “povoamento” do imenso território do país foi um dos primeiros sinais de alerta dos líderes do Estado que estava se formando no começo do século XIX, onde diversas tentativas de colonização vinham sendo conversadas e pensadas, mas a ideia que mais influenciada estas políticas migratórias se continham na questão racial. Apesar da considerável parcela de europeus colonos que vieram para o Brasil, a população negra era imensamente maior, e isto representava um problema, principalmente após a abolição.<sup>27</sup>

A partir da década de 1850 o debate sobre migrações se tornou cada vez mais importante e urgente para as elites imperiais, mas a questão alcançou seu auge em 1870 com previsões de uma crise nas lavouras de café devido a transição de trabalho que seria necessário devido as

---

<sup>27</sup> WERMUTH, M. As políticas migratórias brasileiras do século XIX ao século XXI. Rev. Direito e Práx., Rio de Janeiro, V. 11, N. 4, 2020, p. 2330-2358

novas políticas da escravidão, e questões migratórias que estavam sendo trazidas ao debate. Com as leis de impedimento ao tráfico negreiro (1850) e depois a lei do ventre livre (1871), o fim da escravidão africana já se vislumbrava ao horizonte, se tornando uma questão crítica nos círculos dos senhores proprietários.

Sendo assim, duas discussões foram de certa forma unidas, sendo elas a questão da mão de obra e da soberania racial nacional. Um dos “problemas” de maior latência no Brasil era entendido pela elite como sendo a enorme presença negra no país e a proporção da miscigenação da população. Ter tantos negros e mestiços como uma parcela que representava mais da metade da população era visto com maus olhos, sendo estendido por muitos como o fator que impedia o crescimento e consolidação do Brasil no cenário internacional, o que explicava um “atraso brasileiro” em relação a outras sociedades “civilizadas”. Assim, a ideia central da migração no Brasil era, além de aumentar a mão de obra, trazer pessoas de raças consideradas superiores.<sup>28</sup>

A Corte Portuguesa realizou tentativas de imigração europeia ao Brasil, porém sem sucesso devido diversos fatores, como a falta de políticas de terras eficazes e de liberdade religiosa, assim como a violência da escravidão e relatos de maus tratos dos colonos europeus que haviam chegado ao Brasil enfraqueceram consideravelmente a vinda de novos colonos europeus. Sendo assim, devido à necessidade da falta de opções, cresceu um certo entusiasmo com a vinda de asiáticos para ocupar as posições de mão de obra no país. E, com isso, foram sendo trazidos ao debate os conceitos de raça e a latente necessidade de uma imagem mais “civilizada” de um país do “futuro” que desejava conquistar seu espaço no seio da elite mundial. Assim, foram iniciadas as críticas, ou ataques, de tons exacerbadamente racistas sobre chineses.

Silvio Lima disserta, de maneira bem profunda, a chegada de chineses ao Brasil e como a elite brasileira enxergava essa população, elencando alguns dos fatores que levaram a migração de asiáticos ao Brasil em seu artigo “Para que nos servem os súditos do filho do céu? Raça, miscigenação e branqueamento nos debates sobre a imigração chinesa (1850-1890)” de 2021.<sup>29</sup>

Lima resgata diversos políticos, empresários e figuras importantes da elite brasileira ganharam destaque com suas visões sobre a imigração chinesa ao Brasil. Como exemplo, temos o filho do Barão de Pati do Alferes, Luiz Peixoto de Lacerda Werneck, que expôs sua visão sobre a imigração na coluna do Jornal do Comércio, que não muito depois foi compilado em

---

<sup>28</sup> MAIA, K.; ZAMORA, M. O Brasil e a lógica racial. *Psic. Clin.*, Rio de Janeiro, vol. 30, n.2, p. 265 – 286, 2018

<sup>29</sup> LIMA, S. Para que nos servem os súditos do filho do céu? Raça, miscigenação e branqueamento nos debates sobre a imigração chinesa (1850-1890) *Locus: Revista de História, Juiz de Fora*, v. 27, n. 1, 2021

um livro publicado em 1855. Os argumentos de Luiz possuem cunho cultural e biológico fortes, sendo uma repulsa a presença do povo no país, sendo visto por ele como avesso ao progresso, pois segundo Werneck os chineses eram uma raça contrária ao pensamento de evolução, visto que tinha vício ao ópio e uma moral reprovável. Contudo, mesmo com um livro repleto de pensamentos elitistas e racistas contra chineses, Werneck reconhece a dificuldade em conseguir mão de obra europeia e necessitava de leis efetivas para trazer mão de obra chinesa.

O senador Quintino Bocaiuva escreveu em 1868 um opúsculo chamado “A crise na lavoura”, onde defendia a restituição da lavoura por meio da mão de obra *coolie*<sup>30</sup> e demais medidas de suporte, como técnicas agrícolas, imposto em terras não cultivadas, cuidados com solo e crédito rural. Contudo, com o impasse de conseguir imigrantes europeus e norte-americanos, a última alternativa viável seria a contratação de trabalhadores chineses devido ao medo de colapso econômico. Os salários deste tipo de mão de obra eram muito baratos, o que tornava atrativo, e também pelo fato destes trabalhadores aceitarem realizar tarefas árduas e pesadas.

Contudo, o medo principal que pairava no ar sobre a vinda de chineses ao país se mantinha no medo de assentamento do povo no Brasil e a inevitável miscigenação. As elites brancas brasileiras temiam uma espécie de “mongolização do Brasil”, pois esta mistura daria origem a uma raça mestiça inferior, sendo considerada um problema que já encarava com a miscigenação africana, que era considerada um ponto de fragilidade que debilitava a população nacional.

Neste contexto de necessidade de mão de obra, em 1890 foi promulgado um decreto nº528 que regulava a vinda de imigrantes ao Brasil, pontuando indivíduos válidos e aptos ao trabalho.<sup>31</sup> Todavia, o documento incentivava a vinda de europeus, revelando o ideal de branqueamento da população, não contendo ares de bem-vindo para imigrantes africanos ou asiáticos. Contudo, devido à falta da demanda da população desejada, povos asiáticos chegaram ao Brasil, mas não foram bem recepcionados, muito menos bem quistos. O medo do reflexo da presença chinesa no país fez crescer um receio de um mongolismo como ameaça ao Brasil que as elites brancas almejavam.

---

<sup>30</sup> O termo “coolie” é uma expressão racista e pejorativa que combina racismo e discriminação. A origem histórica da expressão está associada à exploração de trabalhadores asiáticos em várias partes do mundo durante o período colonial. A palavra surgiu no século XIX para descrever trabalhadores contratados, especialmente da Ásia, que foram levados para outras regiões do mundo para trabalhos braçais.

<sup>31</sup> Legislação Informatizada - Decreto nº 528, de 28 de junho de 1890 - Publicação Original <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-528-28-junho-1890-506935-publicacaooriginal-1-pe.html>

## 4.2 Estereótipos chineses e Perigo Amarelo

O conceito de estereótipo é um tópico largamente discutido na literatura acadêmica em áreas como psicologia social, comunicação e sociologia, sendo abordado por diversos estudiosos a partir de diferentes perspectivas. Ele se refere a generalizações simplificadas e fixas sobre um grupo de pessoas com base em características percebidas como comuns. Os estereótipos podem ser positivos ou negativos e são construídos por meio de processos de categorização social. Trazendo sua visão sob o prisma dos estudos culturais, Stuart Hall enfatizou a dimensão cultural e discursiva dos estereótipos. Hall argumenta que os estereótipos são construções sociais e culturais que são usadas para simplificar e categorizar grupos de pessoas. Ele destaca que os estereótipos são formas de reducionismo e simplificação da complexidade humana históricas, que refletem relações de poder e ideologias dominantes. Assim, os estereótipos são produzidos e disseminados por meio de discursos e práticas culturais, influenciando a percepção e representação de determinados grupos.<sup>32</sup>

De maneira generalista, estereótipo refere-se à generalização simplificada e pré-concebida sobre um grupo de pessoas ou categorias sociais. Os estereótipos são baseados em características percebidas como (a)típicas ou representativas desse grupo, embora nem sempre reflitam a realidade ou a diversidade presente dentro dele. Eles podem ser positivos, negativos ou neutros, mas em sua maioria tendem a simplificar e reduzir a complexidade de identidade individual e coletiva dos grupos estereotipados.

Apesar de estereótipos poderem ser formados a partir de observações ou padrões notados, eles tendem a carregar preconceito, discriminação e desigualdade, pois podem reforçar ideais de superioridade e inferioridade, perpetuar estigmas e excluir determinados grupos de participação plena na sociedade. Ademais, os estereótipos podem influenciar e afetar enormemente a autopercepção e identidade dos indivíduos, já que as pessoas tendem a internalizar as percepções negativas ou positivas atribuídas a seu grupo de pertencimento. Além disso, os estereótipos podem criar expectativas e influenciar o comportamento dos indivíduos, muitas vezes limitando suas oportunidades e possibilidades.<sup>33</sup>

---

<sup>32</sup> HALL, Stuart. A estereotipagem como prática na produção de significados in *Cultura e Representação*. P.189-201, 2016.

<sup>33</sup> BODART, C., MARCHIORI, C. Memória, Identidade E Resistência: O Desenvolvimento Econômico Como Ameaça. *Resgate: Rev. Interdiscip. Cult.*, 1(20), 76, 2012

Peter Burke é um renomado historiador e teórico cultural que estudou diferenças, debates e conflitos das tradições compartilhadas em culturas. Em livros como "A Cultura Popular na Idade Moderna" (2010) e "A História Social do Conhecimento" (2003), Burke analisa a formação cultural, crenças e formas de expressão, nos fornecendo um insight de como os desdobramentos ao longo dos anos foram colaborando para a construção dos estereótipos. No livro "A Cultura Popular na Idade Moderna", Burke explora como os estereótipos se desenvolvem como formas de representação cultural e como são perpetuados ao longo do tempo. Ele demonstra como os estereótipos podem ter origens diversas, desde um traço cultural até a influência da mídia e das redes de comunicação. Burke destaca que os estereótipos podem ter um impacto significativo na formação das identidades sociais e na percepção das diferenças. Já em "A História Social do Conhecimento", Burke apresenta uma abordagem mais ampla sobre a formação do conhecimento ao longo do tempo.<sup>34</sup> Nesta obra, ele explora como os estereótipos têm sido usados como ferramentas para definir e categorizar diferentes grupos humanos, desde as representações de gênero até as representações étnicas e culturais. Ele também discute como os estereótipos muitas vezes refletem interesses políticos e sociais, moldando as relações de poder e dominação em uma sociedade.<sup>35</sup> Para Burke, os estereótipos são tipos de imagens mentais simplificadas que são usadas para representar grupos ou indivíduos. Ele destaca que os estereótipos podem ser baseados em distorções e generalizações imprecisas, mas também podem ser influenciados pela cultura e pela mídia.<sup>36</sup>

O estereótipo e seu reflexo e aderência em grupos sociais é relativo de aspectos culturais, corriqueiramente apontados como relativos à opinião. Neste tópico relacionado ao entendimento de estereótipo ao conceito de opinião, podemos destacar Walter Lippmann, jornalista e teórico da comunicação. Em sua obra "Public Opinion" (1997), originalmente publicada em 1922, Lippmann explora a influência dos estereótipos e da mídia na percepção e construção da opinião pública. Ele argumenta que os estereótipos são ferramentas cognitivas usadas para simplificar e categorizar a realidade, mas que também podem levar a generalizações imprecisas e distorcidas. Lippmann argumentava que as pessoas constroem suas percepções do mundo com base em estereótipos e imagens preconcebidas que são moldadas pela mídia e pela cultura.<sup>37</sup> É importante ressaltar que a obra de Lippmann é amplamente estudada e discutida

---

<sup>34</sup> SOUTO, R. O Que é História Do Conhecimento? Rev. Bras. Educ., 0(23), 2018

<sup>35</sup> SANTOS, A. (2017). Repensando O Conhecimento: Por Uma Análise Interdisciplinar Da Obra De Peter Burke. RELACult, 2(3), 205-210, 2017

<sup>36</sup> GATTI, M. Estereótipo E Pré-construído: é Possível Uma Articulação? Signótica, 2(26), 2014

<sup>37</sup> DAROS, O. A Opinião Pública De Walter Lippmann: O Papel Da Imprensa Na Sociedade Moderna. Paradoxos, 2(7), 192-205, 2022

em várias disciplinas, como a comunicação, a sociologia e a filosofia. Suas ideias sobre estereótipos e opinião pública ainda são relevantes e têm impacto em debates contemporâneos sobre o papel dos meios de comunicação e a formação da opinião pública.

As construções de estereótipos são feitas a partir de ocorrências e contextos históricos. Como exemplo, temos registro de umas das primeiras imigrações chinesas ao Brasil em 1810, que vieram com o propósito de trabalhar na produção de chá verde, a pedido de Dom João VI. Assim, de 200 a 500 chineses chegaram para trabalhar na fazenda imperial do Rio de Janeiro e em Niterói. Entretanto, devido a constantes maus tratos e castigos, os chineses fugiram das plantações e passaram a trabalhar como cozinheiros e na fabricação de pastéis e peixes, vendendo nas regiões portuárias, posteriormente se fixando no comércio e em pastelarias.

Dado este histórico, no Brasil existe fortemente o estereótipo enraizado na cultura e imaginário da população, onde se tem até os dias atuais no imaginário, o estereótipo de chineses comerciantes de produtos falsificados, as famigeradas “muambas”, ou como vendedores de pastéis em lanchonetes. Igualmente, são comumente reforçados estereótipos estigmatizados que ridicularizam o sotaque e dicção na forma de falar de chineses, assim como por sua aparência.

A imagem de pessoas chinesas é de longe um dos maiores objetos de estereótipos, especialmente o formato dos olhos. A produção de estereótipos com relação aos olhos asiáticos é um fenômeno complexo que envolve representações simplificadas e frequentemente distorcidas das características oculares de pessoas de origem asiática. A característica do formato dos olhos, referindo-se ao que é popularmente conhecido como “olhos puxados” ou “olhos em amêndoa”. Esses estereótipos retratam os olhos asiáticos como pequenos, oblíquos ou “exóticos”, geralmente associados a ideias de estranheza, passividade ou submissão.

Hall comenta sobre essa estereotipagem e seus malefícios no seio social, pontuando que:

Assim, qual é o diferencial de um estereótipo? Estes se apossam das poucas características "simples, vívidas, memoráveis, facilmente compreendidas e amplamente reconhecidas" sobre uma pessoa; tudo sobre ela é reduzido a esses traços que são, depois, exagerados e simplificados. [...] Estão, o primeiro ponto é que a estereotipagem reduz, essencializa, naturaliza e faz a "diferença. Em segundo lugar, a estereotipagem implanta uma estratégia de "cisão", que divide o normal e aceitável do anormal e inaceitável; Em seguida, exclui ou expõe tudo o que não sabe, o que é diferente. (HALL, 2016, p.191)

É importante destacar que o estereótipo dos "olhos asiáticos" é uma simplificação exagerada e imprecisa. A diversidade étnica e a variedade de traços faciais entre os grupos étnicos asiáticos são vastas, abrangendo uma ampla gama de características físicas. Existem diferenças significativas em termos de formato dos olhos, tamanho das pálpebras e outros traços faciais dentro da própria Ásia. A perpetuação desse estereótipo tem raízes históricas e está

relacionada a representações estereotipadas de pessoas asiáticas na mídia e na cultura popular. Essas representações muitas vezes caricatural ou exagerado de características físicas específicas, como os olhos, reforçando estereótipos raciais e étnicos. O estereótipo dos "olhos asiáticos" tem consequências negativas, pois promove a generalização e a discriminação racial. Isso pode levar a preconceitos, marginalização e tratamento injusto de pessoas de origem asiática. Além disso, a perpetuação desse estereótipo contribui para a perpetuação de uma visão homogeneizada e monolítica dos grupos étnicos asiáticos, ignorando sua diversidade cultural e individualidade.

Contudo, uma das principais contribuições da cultura popular com forte representação midiática vem do personagem fictício Fu Manchu, criado pelo escritor britânico Sax Rohmer em 1913. Ele é conhecido por ser um dos arquétipos mais duradouros e controversos dos estereótipos de chineses na literatura e no cinema ocidentais. Ele era um vilão asiático mestre do crime, retratado como uma figura sinistra e astuta. O personagem de Fu Manchu é retratado como um vilão mestre do crime, um gênio do mal que busca dominar o mundo. Ele é descrito como um homem chinês de aparência exótica, com olhos estreitos, pele amarelada, bigode longo e unhas afiadas. Essa representação física e visual contribui para o estereótipo dos olhos asiáticos, presente na percepção ocidental de características faciais asiáticas.

Os estereótipos em torno do personagem de Fu Manchu são frequentemente associados à ameaça da "ameaça amarela" ou "perigo amarelo", que era difundida na época da sua criação. Esses estereótipos perpetuavam a ideia de que os asiáticos, e especificamente os chineses, eram uma ameaça à cultura ocidental e à ordem estabelecida. O termo "perigo amarelo" descreve o medo e a ansiedade em relação ao crescimento político, econômico e militar dos países asiáticos, em especial China e Japão. No entanto, é importante considerar as implicações e as problemáticas envolvidas na perpetuação desses estereótipos. A representação de Fu Manchu contribuiu para a demonização, exotização e marginalização da cultura chinesa e das pessoas de origem asiática. Esses estereótipos podem gerar preconceito e discriminação na sociedade, reforçando estereótipos negativos associados aos asiáticos.

Christopher Frayling é um renomado acadêmico, escritor e crítico britânico que fez contribuições significativas nos campos da arte, cultura popular e cinema. Em sua obra "The Yellow Peril: Dr Fu Manchu & The Rise of Chinaphobia" (2014), Frayling examina a representação do personagem e seu impacto na cultura popular ocidental, abordando questões relacionadas à orientalização, sinofobia e preconceito racial. Frayling analisa o contexto histórico e cultural em que os romances de Fu Manchu foram escritos e publicados, destacando o medo e a desconfiança em relação à China e aos chineses na época. Ele também explora como

o personagem foi utilizado como uma ferramenta para disseminar estereótipos negativos e fortalecer narrativas de ameaça e perigo associadas aos chineses. A obra de Frayling busca desvendar os mecanismos pelos quais estereótipos raciais foram construídos e perpetuados na ficção e na cultura popular, destacando a importância de se analisar criticamente essas representações e suas consequências. Seu livro contribui para a compreensão do impacto cultural e social de personagens como Fu Manchu e os estereótipos associados a eles.

Arte de Fu Manchu da Banker Street Wiki



Fonte: Disponível em: <[https://bakerstreet.fandom.com/wiki/Fu\\_Manchu](https://bakerstreet.fandom.com/wiki/Fu_Manchu)>. Acesso em: 04/07/2023.

O conceito de "perigo amarelo" é um termo histórico que se originou no final do século XIX e no início do século XX, relacionado ao medo e à ansiedade criados em torno do crescimento e expansão das potências asiáticas, especialmente da China e do Japão, em relação aos países ocidentais. Essa ideia era baseada na percepção de que o rápido desenvolvimento econômico e militar das nações asiáticas representava uma ameaça à supremacia ocidental. Imaginava-se que essas potências asiáticas poderiam desestabilizar as economias, a cultura e a ordem social estabelecida no Ocidente. O conceito de "perigo amarelo" estava ligado à ideia de uma suposta "ameaça amarela", que evocava a visão de um bloco asiático unificado e agressivo. Essa noção era frequentemente associada ao orientalismo e ao racismo, reforçando estereótipos negativos, como a suposta submissão das mulheres asiáticas, a ameaça de invasão e a competição econômica desleal. Esses discursos e estereótipos foram amplamente disseminados

pela mídia, pela literatura, pela propaganda e pelas políticas governamentais, influenciando as atitudes e as relações internacionais.<sup>38</sup>

O "perigo amarelo" frequentemente provocava xenofobia, discriminação e restrições à imigração asiática para países ocidentais. É importante ressaltar que o conceito de "perigo amarelo" foi historicamente desacreditado como uma construção estereotipada e preconceituosa. Os estudos contemporâneos enfatizam a importância de superar esses estereótipos e promover uma compreensão mais justa e igualitária das diferentes culturas e povos. As referências mencionadas fornecem uma variedade de perspectivas e análises sobre o conceito de "perigo amarelo" em diferentes contextos. Elas abordam desde aspectos históricos e políticos até questões sociais, identitárias e culturais relacionadas ao tema.

Uma forma comum de estereótipo em relação à cultura chinesa é a ideia de que todos os chineses são iguais, generalizando e simplificando a diversidade de uma nação com uma história, língua, costumes e tradições ricas e complexas. Esse estereótipo leva a uma visão homogeneizada, ignorando diferenças regionais, étnicas e individuais. Além disso, existem os estereótipos que retratam os chineses como pessoas excessivamente tradicionais, fechadas e insensíveis, além de estereótipos com visões de inferioridade e exotismo em relação a cultura chinesa, especialmente pelas relações sociais de convívio e tradições culinárias. Levantando a questão da culinária chinesa, em especial o consumo de animais silvestres, vale um momento para dissertar sobre.

A Revolução Chinesa foi um conjunto de eventos históricos de um processo complexo e abrangente que ocorreu na China durante o século XX. Pode ser dividida em três principais etapas: a Revolução Nacionalista ou Republicana liderada por Sun Yat-sen, a Revolução Comunista liderada por Mao Zedong e a consolidação do poder comunista após a fundação da República Popular da China.<sup>39</sup>

A revolução começou com a Revolução Nacionalista em 1911, que visava derrubar a dinastia Qing e estabelecer uma República na China. Sun Yat-sen foi um líder proeminente nesse movimento, mas a instabilidade política e a fragmentação do poder levaram a um período de turbulência e guerra civil. Em 1921, o Partido Comunista Chinês foi fundado, influenciado pelas ideias marxistas e inspirado pela Revolução Russa. Mao Zedong emergiu como o líder do partido e, juntamente com outros líderes comunistas, começou a organizar e mobilizar o campesinato chinês em uma revolução camponesa.

---

<sup>38</sup> TOKUSATO, L. Coronavírus: a nova variante do perigo amarelo. R. ÍANDÉ – Ciências e Humanidades. São Bernardo do Campo, v. 6, n. 1, p. 46-58. Abril/2022.

<sup>39</sup> COGGIOLA, O. A revolução chinesa, São Paulo: Moderna, 1985.

Após anos de luta contra as forças nacionalistas e invasões japonesas durante a Segunda Guerra Mundial, as forças comunistas lideradas por Mao Zedong finalmente prevaleceram e proclamaram a República Popular da China em 1949. Isso marcou a consolidação do poder comunista na China continental. O governo comunista implementou uma série de reformas sociais e econômicas, incluindo a coletivização da agricultura, a nacionalização de indústrias e a promoção da igualdade social. No entanto, essas políticas também resultaram em consequências negativas, como a fome causada pelo Grande Salto Adiante e a repressão durante a Revolução Cultural.

O período de fome pós-Revolução Chinesa, que ocorreu principalmente durante o Grande Salto Adiante ou Grande Salto em Frente (1958-1962), sendo uma campanha de Mao Tsé-Tung que pretendia tornar a China uma nação desenvolvida e socialmente igualitária em tempo recorde, acelerando a coletivização do campo e através de uma Reforma agrária e industrialização urbana, contudo este plano causou na época uma extrema escassez de alimentos na China. Durante esse período, muitas pessoas passaram por uma severa privação e enfrentaram uma grave crise alimentar, resultando em mortes. Diante da escassez de alimentos, as pessoas recorreram a várias fontes de alimentos disponíveis, incluindo o consumo de animais selvagens. Nessa época, alguns animais que eram considerados incomuns ou não convencionais para consumo humano, como ratos, insetos, gatos e cachorros, foram consumidos como uma tentativa de aliviar a fome e obter nutrientes.

O consumo de animais exóticos e selvagens na cultura chinesa tem raízes históricas e está ligado a uma combinação de fatores, incluindo tradições culturais, crenças medicinais e mudanças sociais e econômicas. É importante contextualizar essa prática, especialmente considerando a Revolução Cultural na China. Durante a Revolução Cultural, que ocorreu de 1966 a 1976, houve uma série de políticas e campanhas que impactaram profundamente a sociedade chinesa. Durante esse período, muitos aspectos da cultura tradicional foram suprimidos e considerados "burgueses" ou prejudiciais ao progresso socialista. Práticas como a medicina tradicional chinesa e o consumo de animais exóticos também foram afetadas.

Durante o auge da Revolução Cultural, houve uma ênfase na igualdade social e na rejeição de valores e tradições considerados elitistas ou ligados à classe alta. Isso incluía críticas à medicina tradicional chinesa, que foi vista como antiquada e associada à burguesia. Como resultado, houve uma diminuição no consumo de animais exóticos e selvagens durante esse período.

No entanto, após a morte de Mao Zedong em 1976 e o subsequente fim da Revolução Cultural, ocorreram mudanças significativas na China, incluindo reformas econômicas e uma

abertura para o mundo exterior. Essas mudanças trouxeram consigo um aumento no consumo de produtos e serviços antes inacessíveis, incluindo alimentos exóticos. Além disso, as crenças da medicina tradicional chinesa, que têm uma longa história e são profundamente enraizadas na cultura chinesa, continuaram a ser praticadas e ganharam mais visibilidade. Algumas crenças na eficácia medicinal de certos animais exóticos e selvagens persistiram, impulsionando a demanda por esses produtos.

Contudo, é importante notar que nem todos na China consomem animais exóticos e selvagens, e há uma crescente conscientização sobre a importância da conservação da vida selvagem e dos riscos associados ao comércio ilegal de animais. O governo chinês também tomou medidas para restringir o comércio e o consumo de espécies ameaçadas e ilegais.

Neste sentido, o conhecimento sobre o contexto histórico do consumo de animais silvestres possui uma trajetória e porquês, que não valem aqui nenhum tipo de justificção ou defesa, somente a apresentação dos fatos. Contudo, nos últimos anos a visão que se tem sobre culinária e tradições, ou práticas, ganharam maior notoriedade após o ocorrido da pandemia de Covid-19 que teve seu início marcado na cidade de Wuhan na China.

A pandemia de COVID-19 é uma doença causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, que surgiu pela na cidade de Wuhan, na província de Hubei, na China, no final de 2019. Desde então, a doença se espalhou rapidamente pelo mundo, se tornando uma pandemia global. As especulações sobre a origem do vírus têm sido objeto de debate e investigação contínuos. Acredita-se que o vírus seja de origem zoonótica<sup>40</sup>, o que significa que ele se originou em animais antes de se transmitir aos seres humanos. Os coronavírus são comuns em animais, e existem diferentes teorias sobre como o vírus SARS-CoV-2 foi transmitido aos seres humanos. A principal hipótese é que o vírus tenha se originado em morcegos, que são conhecidos por serem hospedeiros naturais de muitos coronavírus. Acredita-se que o vírus possa ter sido transmitido aos seres humanos através de um animal intermediário, possivelmente um mercado de animais vivos em Wuhan, onde diferentes espécies de animais eram comercializadas. No entanto, a identificação exata do animal intermediário ainda não foi confirmada.

O ocorrido desta pandemia gerou uma onda de ataques sinofóbicos contra chineses, culpabilizando o povo pela origem da pandemia, criticando as tradições e costumes chinês,

---

<sup>40</sup> O termo "zoonótico" refere-se a doenças ou infecções que podem ser transmitidas entre animais e seres humanos. Essas doenças têm a capacidade de saltar de uma espécie animal para outra, incluindo os humanos, por meio de patógenos como vírus, bactérias, fungos ou parasitas. As doenças zoonóticas são bastante comuns e variadas. Alguns exemplos conhecidos incluem a gripe aviária (causada pelo vírus influenza), a doença de Lyme (transmitida por carrapatos), a raiva (transmitida por mordidas de animais infectados), a malária (transmitida por mosquitos) e a COVID-19 (causada pelo coronavírus SARS-CoV-2).

provocando uma grande onda de ataques xenofóbicos e racistas contra chineses, respingando na população asiática como um todo. Mas, devido ao caráter de isolamento social provocado pela pandemia, muitos destes ataques foram realizados por intermédio das redes sociais, que serão apresentados no capítulo 7 de análise do objeto.

## 5 ETNOGRAFIA VIRTUAL

A etnografia por ser definida como uma técnica de pesquisa qualitativa que tem como objetivo descrever e analisar a cultura por um determinado grupo social. Esta abordagem busca entender como as pessoas vivem, pensam, agem e se relacionam em seus contextos sociais, a partir de observação participante e entrevistas em profundidade. A etnografia tem sido utilizada em diversas áreas do conhecimento, incluindo sociologia, psicologia, antropologia e educação, onde seu processo de pesquisa envolve um pesquisador emergindo no campo de estudo, participando ativamente do cotidiano do grupo pesquisado e observando as interações sociais, comportamentos, hábitos, valores e crenças. O objetivo é obter uma compreensão rica e detalhada da cultura do grupo, levando em consideração o contexto histórico, social, político e econômico em que a cultura se desenvolve.

A etnometodologia é uma abordagem sociológica que se concentra na forma como as pessoas criam e mantêm a ordem social por meio de práticas cotidianas e interações. Ela se preocupa com o estudo dos métodos utilizados pelas pessoas para interpretar e dar sentido às situações sociais em que estão inseridas. É uma perspectiva sociológica desenvolvida principalmente por Harold Garfinkel na década de 1960. Garfinkel questionou a noção de que a ordem social é uma estrutura estável e previsível imposta por regras externas. Em vez disso, ele argumentou que a ordem social é uma conquista prática realizada pelos próprios indivíduos, por meio de processos de interpretação e negociação constantes.<sup>41</sup>

A obra fundamental de Garfinkel foi seu livro “Studies in ethnomethodology” (1967) onde ele apresenta os princípios e conceitos centrais da abordagem, enfatizando a importância da análise das práticas cotidianas e das interações sociais. Através da etnometodologia, Garfinkel busca desvelar as estruturas e os processos que sustentam a vida social. Ele acredita que as ações humanas são socialmente construídas e que a realidade é constantemente negociada e interpretada pelos atores sociais. A etnometodologia se concentra na análise das pequenas interações cotidianas, questionando suposições comuns e revelando as sutilezas subjacentes às práticas diárias.

A etnografia é uma técnica valiosa para a compreensão da complexidade da cultura humana e tem sido utilizada em diversas pesquisas. Por sua vez, a etnografia virtual é uma abordagem de pesquisa que utiliza a internet e as tecnologias digitais como ferramentas para

---

<sup>41</sup> LIMA, C.; DUPAS, G.; OLIVEIRA, I.; KAKEHASHI, S. Pesquisa etnográfica: iniciando sua compreensão. Rev. latino-am. enfermagem, Ribeirão Preto, v. 4, n. 1, p. 21-30, janeiro 1996.

escrever e analisar a cultura online. É uma técnica de pesquisa qualitativa que permite ao pesquisador acessar e analisar os comportamentos, hábitos, valores e crenças dos participantes em ambientes virtuais.

A etnografia virtual surge na década de 1990 como uma resposta ao crescimento da cultura digital e do aumento do uso e frequência da internet e redes sociais. O método de pesquisa permite que o pesquisador realize esta imersão no campo virtual, utilizando recursos como fóruns de discussão, salas de bate-papo, redes sociais e jogos online para estudar a cultura digital e seus participantes.

Um dos principais nomes da área de estudos etnográficos virtuais é Christine Hine, que em seu livro “Virtual Ethnography” (2000) discute a aplicação da etnografia virtual em estudos online. Hine destaca que a etnografia virtual é uma forma de pesquisar a cultura digital de forma reflexiva, buscando compreender como os participantes se relacionam e criam significados no ambiente virtual. A socióloga britânica Hine reconhece que as iterações e as práticas sociais estão cada vez mais mediadas por tecnologias digitais, como a internet, redes sociais e fóruns online.

No livro, Hine aborda a crescente importância dos ambientes digitais e da internet na vida cotidiana das pessoas e na construção da cultura. A autora argumenta que os pesquisadores precisam adaptar suas metodologias de pesquisa para investigar e compreender adequadamente esses novos contextos digitais. No decorrer do livro, Hine explora diferentes abordagens e técnicas de pesquisa virtual, incluindo entrevistas online, observação participante em comunidades virtuais, análise de conteúdo digital e a utilização de métodos automatizados para coleta e análise de dados. Ela discute as oportunidades oferecidas pela pesquisa etnográfica em ambientes virtuais, bem como as questões éticas e metodológicas que podem surgir nesse contexto. Igualmente, explora as especificidades da pesquisa etnográfica em ambientes virtuais, como a construção de relacionamentos com os participantes, a negociação de identidades online e a interpretação dos dados coletados. Ela enfatiza a importância de uma abordagem reflexiva e sensível aos aspectos culturais e sociais que permeiam esses ambientes digitais.

Trazendo uma abordagem por um diferente viés, o antropólogo Tom Boellstorff publicou o livro “Coming of age in second life” (2008) onde utilizou a plataforma virtual *Second Life* para estudar a cultura virtual e os comportamentos dos participantes. Boellstorff defende que a etnografia virtual é uma forma legítima de pesquisa qualitativa que permite a compreensão da cultura digital e suas interações sociais. O livro apresenta uma perspectiva etnográfica, na qual o autor mergulha no mundo virtual do *Second Life* para compreender as interações humanas, os relacionamentos e as práticas culturais que ocorrem nesse espaço.

Boellstorff investiga como as pessoas constroem identidades, estabelecem conexões sociais, formam comunidades e desenvolvem uma economia virtual dentro desse ambiente. Ao longo do livro, Boellstorff discute as implicações do *Second Life* para as noções tradicionais de espaço, tempo e identidade. Ele explora questões relacionadas à representação de gênero, sexualidade, raça e deficiência nesse mundo virtual, bem como as oportunidades e desafios enfrentados pelos usuários que participam dessa comunidade online. A obra aborda temas pertinentes não apenas para a antropologia, mas também para estudos culturais, sociologia e estudos de mídia, explorando as interações humanas mediadas pela tecnologia e os impactos sociais dessas interações.

A etnografia virtual também tem sido aplicada em estudos de comunidades online, como em pesquisas sobre fóruns de discussão ou grupos de redes sociais. Nesse sentido, a pesquisadora Nancy Baym, em seu livro "Personal Connections in the Digital Age" (2010), utiliza a etnografia virtual para analisar como os usuários constroem e mantêm relacionamentos online em diferentes contextos. O livro aborda o impacto das tecnologias digitais nas formas como nos conectamos e interagimos uns com os outros. Baym examina as diferentes plataformas e aplicativos que possibilitam a comunicação online, como redes sociais, mensagens instantâneas e fóruns de discussão, e investiga como essas tecnologias influenciam a construção e manutenção de relacionamentos pessoais.

Baym explora questões relacionadas à identidade digital, privacidade, intimidade e autenticidade nas interações online. Ela discute como as pessoas utilizam as tecnologias digitais para criar e apresentar versões de si mesmas, como constroem e gerenciam suas redes sociais online e como se envolvem em atividades de compartilhamento, como postar fotos, atualizações de status e comentários. Ao longo do livro, Baym apresenta exemplos e estudos de caso que ilustram as complexidades das interações pessoais na era digital. Ela analisa tanto os aspectos positivos quanto os desafios das conexões pessoais online, explorando como as pessoas encontram suporte social, constroem relacionamentos românticos, formam comunidades e lidam com questões como o *cyberbullying*<sup>42</sup> e o *trolling*<sup>43</sup>.

---

<sup>42</sup> O "cyberbullying" é um termo que se refere ao uso da tecnologia, principalmente a internet e as redes sociais, para assediar, intimidar, humilhar, ameaçar ou causar danos emocionais a uma pessoa.

<sup>43</sup> O termo "trolling" refere-se a um comportamento online em que uma pessoa intencionalmente provoca, perturba ou irrita outras pessoas na internet, muitas vezes com o objetivo de gerar conflito, frustração e reações emocionais negativas. Os indivíduos que praticam o trolling são chamados de "trolls".

Robert Kozinets em seu livro “Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online” (2014) aborda de forma bem abrangente e didática o campo de estudos netnográficos.<sup>44</sup> O autor argumenta que existe cada vez menos diferença entre “vida real” e “vida social online”. Segundo o autor, “os netnógrafos dão grande significado ao fato de que as pessoas se voltam às redes de computador para participar de fontes de cultura para participar de fontes de cultura e obter um senso de comunidade” (2014, P.14).

O termo “comunidade virtual” foi criado por Howard Rheingold definido como “agregações sociais que emergem da rede quando um número suficiente de pessoas empreende [...] discussões públicas por tempo suficiente, como suficiente sentimento humano, para formar redes de relacionamentos pessoais no ciberespaço” (1993, p.5 APUD KOZINETS, 2014, p. 15). A cultura virtual é uma extensão da cultura offline, refletindo e moldando as formas como as pessoas se comunicam, interagem e compartilham informações no ambiente digital. Ela é influenciada pelas características únicas da internet, como a facilidade de conexão global, a velocidade de disseminação de informações e a capacidade de interação em tempo real. Uma das principais características da cultura virtual é a participação ativa dos usuários. As pessoas podem contribuir com conteúdo, compartilhar opiniões e perspectivas, criar comunidades e colaborar em projetos coletivos. Isso leva a uma cultura de compartilhamento e remixagem, em que as ideias e o conhecimento são constantemente transmitidos e transformados através das interações online.

O autor frisa que comunidades online são comunidades, que os participantes da comunidade entendem os pares e o ambiente virtual como real, destacando no trecho

Locais online que representam e criam laços sociais muitos fortes entre membros, resultando em relacionamentos profundos e duradouros, mas cujos membros não estão particularmente focados em um comportamento de consumo comum ou unificador, poderiam ser chamados de comunidades de vinculação. Websites de rede sociais, muitos mundos virtuais, assim como diversos fóruns sociais se encaixariam nessa categoria. Comunidades virtuais de vinculação atenderiam basicamente as necessidades relacionais de seus membros. (KOZINETS, p. 39)

Kozinets comenta sobre etnografia de comunidades online e como estas trocas e formações influenciam nas noções de *self* dos indivíduos. A noção de *self* se refere à compreensão que cada indivíduo tem de si mesmo, sua identidade e sua autoimagem. Nas comunidades online, os membros constroem e expressam suas identidades através de perfis, pseudônimos, avatares e interações online. Essas representações digitais podem ser uma

---

<sup>44</sup> Netnografia, etnografia virtual, webnografia, etnografia digital, etnografia em mídias sociais ou etnografia online são diferentes termos para o mesmo item.

extensão ou uma alteração da identidade offline, permitindo que as pessoas experimentem diferentes facetas de si mesmas.

Pierre Lévy, filósofo e teórico de comunicação francês, publica o livro “Cibercultura” (2009), se tornando uma referência dos estudos sociais e culturais decorrentes do avanço da internet e das tecnologias digitais. No livro, Lévy explora as implicações da cibercultura na sociedade contemporânea, investigando como as tecnologias de informação e comunicação moldam a maneira como nos comunicamos, interagimos e construímos conhecimento. Ele analisa os impactos da internet na cultura, na política, na economia e nas relações sociais, destacando a importância da inteligência coletiva e da participação ativa dos indivíduos na era digital.

Lévy introduz conceitos fundamentais, como "cibercultura" e "virtualidade", e examina as formas de organização social que surgem no ambiente digital, como comunidades virtuais, espaços de colaboração e redes sociais. Ele argumenta que a cibercultura não é apenas uma questão tecnológica, mas também uma transformação cultural que desafia as estruturas tradicionais de poder, conhecimento e identidade. Pierre também aborda questões éticas e políticas relacionadas à cibercultura, como privacidade, liberdade de expressão, propriedade intelectual e democracia digital. Ele explora as possibilidades de engajamento cívico e participação política na esfera digital, enfatizando a importância de uma governança inclusiva e transparente.

A cibercultura refere-se à cultura emergente que surge da interação entre a tecnologia digital e a sociedade. Ela abrange os aspectos culturais, sociais e comportamentais que surgem da adoção e do uso das tecnologias de informação e comunicação, especialmente a internet. A cibercultura é caracterizada por uma série de elementos distintivos. Em primeiro lugar, ela é baseada na conectividade e na comunicação em rede. A internet permite que as pessoas se conectem umas com as outras, compartilhem informações, ideias e perspectivas de forma rápida e global. Isso resulta em um aumento significativo na disseminação de conhecimento e na capacidade de interação social além das fronteiras físicas.

Além disso, a cibercultura é marcada pela participação ativa dos usuários. A internet oferece espaço para a criação e compartilhamento de conteúdo pelos próprios usuários, seja em forma de blogs, vídeos, redes sociais, podcasts ou outras mídias digitais. Essa participação ativa rompe com a lógica de consumo passivo dos meios de comunicação tradicionais, permitindo que as pessoas se tornem produtoras e consumidoras de conteúdo ao mesmo tempo. A cibercultura também é caracterizada pela cultura de remixagem e reapropriação. As informações e o conhecimento disponíveis online podem ser facilmente acessados, modificados

e combinados para criar algo novo. Isso resulta em práticas de remixagem cultural, onde elementos de diferentes culturas, mídias e contextos são combinados e transformados para criar novas formas de expressão.

As comunidades online fornecem um espaço onde as pessoas podem se conectar com outros que compartilham interesses semelhantes, crenças, valores ou experiências. Essas conexões podem levar ao desenvolvimento de relacionamentos significativos e à formação de laços comunitários virtuais. As interações nas comunidades online podem fornecer apoio emocional, oportunidades de aprendizado, colaboração e um senso de pertencimento. No entanto, as noções de *self* nas comunidades online podem ser complexas e multifacetadas. A anonimidade e a separação física permitem que as pessoas se expressem de maneiras que podem ser diferentes do que fariam offline. Isso pode resultar em uma maior liberdade de expressão, mas também pode levar ao comportamento negativo, como *trolling*, *cyberbullying* e desonestidade. As noções de *self* nas comunidades online também podem estar ligadas a questões de identidade de gênero, orientação sexual, raça, etnia e outros aspectos da diversidade humana. As comunidades online podem ser espaços de empoderamento e autodescoberta para grupos marginalizados, fornecendo um ambiente onde suas vozes podem ser ouvidas e suas identidades valorizadas. No entanto, também pode haver conflitos, discriminação e preconceitos presentes nas interações online.

As redes sociais são plataformas online que permitem que indivíduos e grupos se conectem, interajam e compartilhem informações, interesses e experiências. Elas permitem que os usuários criem perfis, se conectem com outros usuários e participem de uma variedade de atividades, como compartilhar mensagens, fotos, vídeos e links, além de participar de discussões e grupos temáticos. O Twitter é uma das redes sociais mais populares e influentes.

Lançado em 2006, o Twitter permite que os usuários publiquem mensagens curtas, conhecidas como "tweets", com um limite inicial de 140 caracteres (que posteriormente foi aumentado para 280 caracteres). Os tweets podem conter textos, imagens, vídeos, links e *hashtags*, que são palavras-chave precedidas pelo símbolo "#" usadas para categorizar e agrupar conteúdos relacionados. O Twitter se destaca por sua natureza de tempo real e pela capacidade de se comunicar e compartilhar informações de maneira rápida e concisa. Os usuários podem seguir outras contas e receber as atualizações em sua linha do tempo, o que permite uma ampla disseminação de notícias, tendências, opiniões e debates. A plataforma também permite que os usuários interajam uns com os outros por meio de respostas, retweets (compartilhamento de tweets de outros usuários) e curtidas.

Uma característica distintiva do Twitter é o seu papel como uma plataforma para conversas públicas e discussões em tempo real. Muitas vezes, eventos importantes, como acontecimentos políticos, eventos esportivos ou programas de TV, geram discussões intensas e debates acalorados no Twitter. Além disso, o Twitter também é frequentemente usado como um meio para ativismo social, permitindo que as pessoas expressem suas opiniões, compartilhem informações e organizem movimentos de mobilização social. No entanto, o Twitter também enfrenta desafios e questões. A disseminação de informações falsas e o *cyberbullying* são preocupações frequentes na plataforma. Além disso, a limitação de caracteres pode levar a uma comunicação simplificada e a uma falta de contexto, o que pode gerar mal-entendidos e debates superficiais.

O Twitter foi uma rede social largamente usada durante o período pandêmico para discussões entre usuários sobre os ocorridos e andamentos da pandemia, assim como compartilhar suas opiniões do contexto da crise sanitária, o que acabou marcando diversas falas e discursos de cunho preconceituosos.

A hashtag na plataforma é marcada como uma etiqueta identificadora de um debate sobre algum tema definido. Ela pode ser iniciada tanto pelos usuários quanto pela plataforma. Durante o período pandêmico, milhões de Tweets sobre a pandemia e o vírus foram publicados na plataforma, com e sem hashtag. Contudo, destacamos uma hashtag em especial que foi criada e viralizou no ano de 2020, agregando pouco mais de 200 mil tweets com sua marcação, sendo ela a #VIRUSCHINES. Esta hashtag marcou um debate sobre a pandemia, mais especificamente sobre o vírus SARS-CoV-2, vírus causador do Covid-19. Diversos comentários foram realizados dentro da discussão desta hashtag, contudo o que chama atenção foi o cunho de ataque extremamente agressivo e sinofóbico contido nestes conteúdos, o que será apresentado e destrinchado no capítulo 7 de análise do objeto.

## 6 TEORIA DE ANÁLISE DISCURSIVA

Neste capítulo aborda-se tópicos sobre signos, semiótica e discurso, contextualizando estes conceitos baseados em autores como Saussure, Bakhtin e Foucault, para depois entrar no debate sobre análise de discurso, apresentando a abordagem de análise crítica do discurso, sendo a abordagem seguida na análise do objeto deste estudo, baseado no autor Norman Fairclough.

### 6.1 Signos, Semiótica e Discurso

O campo de estudos linguísticos aborda, de forma ampla, a compreensão da língua e comunicação humana, buscando entender as influências da construção de significação e referenciação. Ao longo dos anos, diversos autores foram pioneiros na expansão e investigação teórica das pesquisas de linguagem. Cada autor colaborou para a evolução deste campo multidisciplinar sob diferentes perspectivas teóricas e metodológicas, que iremos abordar a seguir.

Um dos pioneiros nos estudos da linguística moderna foi o renomado linguista suíço Ferdinand de Saussure. Seus estudos investigaram profundamente o conceito de signo linguístico, a importância do signo na comunicação e a análise estrutural da linguagem, revolucionando a compreensão da linguagem e as estruturas da comunicação humana em obras marcantes como “Curso de linguística geral” (2006) e “Escritos de Linguística Geral” (2002).

De acordo com a concepção de Saussure, signo é uma unidade de linguagem construída a partir de um significante e um significado. O significante seria o conceito, a ideia que o signo conota na mente, sendo o significante a parte material do signo, forma acústica ou visual, o que simboliza este significado. Contudo, segundo Saussure esta relação não é fixa ou natural, pois a escolha de significado por um significante é baseada nas convenções da comunidade linguística estabelecida. Neste sentido, Saussure entrega uma e suas principais colaborações aos estudos do campo, sendo a noção de arbitrariedade do signo. Ademais, o autor afirma que esta relação se diferencia uns dos outros por meio da oposição, logo um determinado signo só poderá ser entendido relacionado aos demais signos dentro do mesmo sistema linguístico. Exemplificando, a palavra “casa” pode ser contratada com palavras como “apartamento”, “lar” etc., assim como a palavra “cachorro” do português não tem relação inerente com o animal em si, sendo apenas uma relação estabelecida entre os falantes da língua.

O linguista também desenvolveu a ideia de níveis de linguagem, sendo eles a língua e a fala. A língua seria o sistema de regras que comanda o uso da linguagem dentro de uma comunidade, enquanto a fala seria a expressão individual da língua dentro de um contexto. Saussure é considerado o fundador da linguística estrutural no século XX, sendo sua principal contribuição a distinção entre significante e significado.

A partir da concepção de linguagem como um sistema de signos que se torna possível a comunicação e intercâmbio de ideias dentro do mesmo campo linguístico. Os signos funcionam para construção e representação das estruturas de comunicação entre falantes possibilitando a expressão de informações. Todo trabalho de Saussure foi baseado na concepção de linguagem como um sistema de signos mediados por convenções sociais específicas. Sua teoria continua sendo referenciada, influenciando outras áreas como da análise do discurso, a psicologia cognitiva e a semiótica.

Outro teórico que contribuiu para os estudos foi o russo Mikhail Bakhtin, oferecendo sua percepção da natureza dos signos e sua função da comunicação humana com sua teoria dos signos. Bakhtin formula que signos não possuem significados isolados e fixos, sendo elementos criados a partir de interações humanas sociais e discursivas. A abordagem na teoria dialógica do Círculo de Bakhtin ressalta a relevância do contexto entre as relações interpessoais no entendimento dos signos. De acordo com Bakhtin, a linguagem não é uma entidade isolada, mas uma forma de comunicação que surge e se desenvolve no contexto de interações sociais. O círculo dialógico refere-se ao processo de diálogo constante entre falantes e discursos em uma comunidade ou contexto social específico. A teoria do círculo dialógico enfatiza que a compreensão e a produção de enunciados linguísticos são moldadas pelo diálogo e pela interação entre diferentes vozes. Cada enunciado é influenciado pelas vozes que dialogam nele e ao seu redor, e o significado do enunciado é construído coletivamente por meio dessa interação.<sup>45</sup>

A argumentação de Bakhtin é de que os signos são embebidos de significado social e cultural, sendo moldados pelas interações entre indivíduos dentro de diferentes comunidades. O autor ressalta a esta natureza dialógica dos signos, desta capacidade de evoluir e carregar diferentes significados mediante diálogos e interações de diferentes perspectivas, não podendo ser separado do contexto da relação social que o significou. O conceito de “enunciado” é chave na teoria dos signos de Bakhtin, sendo definido como uma unidade de comunicação carregada

---

<sup>45</sup> MILANI, S. O signo para Humboldt, para Saussure e para Bakhtin. UNISC - Signo. Santa Cruz do Sul, v. 40, n. 68, p. 55-65, jan./jun. 2015

de significado. O enunciado é uma expressão do uso da linguagem em determinada situação envolvendo falante e ouvinte. O autor enfatiza o enunciado como sempre influenciado pelo contexto social e cultural e pelas vozes envolvidas, pois cada enunciado se insere em uma cadeira de discursos moldados pelas expectativas, pontos de vista e intenções dos participantes da comunicação.<sup>46</sup>

Seguindo com as formulações de Bakhtin, o autor apresenta o conceito de “gênero discursivo”, definido como uma forma de enunciado com características estilísticas, temáticas e estruturais recorrentes. Gêneros discursivos são construídos, de acordo com o autor, pela cultura, tradição e convenções sociais que desempenham papel determinante na estrutura da comunicação humana. Assim, cada gênero discursivo detém seu próprio repertório de signos e padrões linguísticos, espelhando as normas e expectativas de uma comunidade linguística.

Em suma, a teoria dos signos de Bakhtin oferece uma visão dinâmica e crítica dos signos e linguagem, ressaltando a importância do diálogo dentro do contexto social, igualmente aos gêneros discursivos no entendimento dos significados. A abordagem do linguista desafia a ideia de signos com significados universais e estáticos, enfatizando a construção e interpretação por detrás da significação nas interações sociais. Bakhtin enriqueceu o campo de estudos com sua fundamentação teórica sobre os processos de significação na comunicação humana.

Avançando com as abordagens, um importante teórico dos estudos de signos e semiótica foi o semiótico e filósofo Roland Barthes, que seguiu a perspectiva estruturalista de Saussure, contribuindo com seus estudos para a teoria semiótica e para compreensão dos processos de significação, considerando repletas de signos a cultura e sociedade, podendo ser interpretados através de uma abordagem semiótica em “Elementos da semiologia” (2006). Os estudos de Barthes têm como conceito-chave a noção de “denotação” e “conotação”, sendo conceitos de papel fundamental no processo e significação de signos. A “denotação” se refere a descrição literal do significado de um signo, representando o conceito que se refere de forma literal e não ambígua. Por exemplo, a palavra “cachorro” denota um ser animal com características específicas como sendo de quatro patas, tendo rabo ou cauda, sendo animal de estimação etc. Por conseguinte, a “conotação” se refere a forma simbólica e subjetiva do significado de um signo, sendo uma camada adicional além da denotativa que envolve associações e construções culturais que são atribuídas aos signos. Como exemplo, a mesma palavra “cachorro” pode conotar lealdade, afeto, fidelidade ou medo e repulsa provenientes de razões culturais. Além

---

<sup>46</sup> MOLON, N; VIANNA, R; O Círculo de Bakhtin e a Linguística Aplicada; Bakhtiniana, São Paulo, 7 (2): 142-165, Jul./Dec. 2012.

destes, vale mencionar outros conceitos desenvolvidos e expandidos por Barthes como o conceito de “mito”, destrinchado na obra “Mitologias” (2001) e os temas explorados no campo da intertextualidade, performance e práticas culturais através da perspectiva semiótica.

O campo da semiótica e dos estudos de signos foi largamente expandido com as contribuições de Charles Peirce, filósofo e lógico cientista americano que desenvolveu uma teoria semiótica rica em aspectos cognitivos, comunicativos e sociais. Peirce elabora uma base de três pilares constitutivos do signo, consistindo em três elementos inter-relacionados, sendo eles o representamen, o objeto e o interpretante. O signo, ou representamen, é o elemento físico ou perceptível que representa ou se refere a algo. Pode ser um objeto material, um gesto, uma palavra, um símbolo ou qualquer outro estímulo que seja capaz de evocar um significado. Por exemplo, uma palavra como "cachorro" pode ser um representamen de um cachorro real. O objeto é aquilo que o signo representa ou se refere. É o objeto real, conceitual ou abstrato que está sendo representado pelo signo. No exemplo do signo "cachorro", o objeto seria o próprio cachorro, ou seja, o referente específico. O interpretante é o efeito ou a interpretação que o signo provoca em um observador ou intérprete. É a compreensão ou significado atribuído ao signo pelo intérprete. O interpretante pode assumir várias formas, como uma ideia, um pensamento, uma emoção ou uma ação. No caso do signo "cachorro", o interpretante pode ser a imagem mental de um cachorro ou a emoção de medo ou alegria associada a ele.<sup>47</sup>

Seguindo com os conceitos de Peirce, a Tricotomia dos signos são classificações de signos em três categorias: ícone, índice e símbolo. Resumidamente, o ícone é o signo que possui similaridade com o objeto que representa, o índice são signos com relação casual com o objeto representante, e os símbolos são signos com significado adquirido por meio de convenções socioculturais. Igualmente, Peirce contribui com estudos sobre semiótica pontuando o processo interpretativo e o pragmatismo. Segundo o autor, nossas experiências no mundo são a força capaz de mediar nossa interpretação e compreensão de signos, enfatizando que signos não são puramente individuais, mas ocorrem dentro de um ambiente social e cultural. Basicamente nossas experiências prévias influenciam nossas interpretações de signos. Já o conceito de pragmatismo em sua teoria enfatiza a relação humana entre ação e produção de conhecimento. O pragmatismo define que os signos não devem ser entendidos apenas em sua representação

---

<sup>47</sup> MIGLIARI, M; NOJIMA, V; Tipografia ‘desconstrucionista’ e o modelo triádico de Peirce. InfoDesign Revista Brasileira de Design da Informação 4 – 1, 20-28, 2007

passiva da realidade, mas a partir também das consequências práticas que eles provocam, os efeitos que eles refletem no comportamento humano.<sup>48</sup>

Por fim, vale mencionar a contribuição dos estudos do renomado teórico russo Iuri Lotman que introduz sua abordagem interdisciplinar da semiótica para uma análise dos sistemas de significação cultural. Lotman propõe que a cultura é um sistema semiótico complexo, composto por um conjunto de códigos, símbolos e regras que governam a produção e a interpretação de significados. Ele argumenta que a cultura não é apenas um produto das atividades humanas, mas também um sistema simbólico que influencia e molda o comportamento e a percepção das pessoas. Uma das principais contribuições de Lotman é a noção de fronteira semântica, que se refere às fronteiras entre sistemas culturais e seus elementos constituintes. Ele argumenta que as fronteiras são espaços de intercâmbio e tradução cultural, onde ocorrem processos de comunicação e negociação de significados. Essas fronteiras são permeáveis e podem ser transformadas ao longo do tempo, à medida que os sistemas culturais interagem e se influenciam mutuamente.<sup>49</sup>

Lotman também enfatiza a importância dos códigos culturais na produção e interpretação dos textos culturais. Ele investiga como os sistemas simbólicos, como a linguagem, os gestos, os rituais e outros elementos culturais, funcionam como códigos que carregam significados específicos dentro de uma determinada cultura. Esses códigos podem variar de acordo com o contexto cultural e são fundamentais para a construção de significados compartilhados. Além disso, Lotman destaca a noção de texto cultural, que abrange qualquer forma de expressão cultural, como literatura, arte, música, cinema, entre outros. Ele argumenta que os textos culturais são sistemas de signos organizados que carregam significados específicos e se relacionam com outros textos dentro do contexto cultural mais amplo.<sup>50</sup>

Em suma, estes autores foram alguns dos grandes contribuidores para a expansão dos estudos do campo linguístico, atribuindo suas concepções e pensamentos para a melhor compreensão das formas de construção de significados dentro de grupos culturais, nos ajudando a entender como funciona nossa forma de pensar comunicação com nossos pares e nas trocas interculturais. Os conceitos de signos e semiótica são chave para compreendermos o ponto principal nesta discussão, que é o discurso.

---

<sup>48</sup> NOTH, W. A semiótica Universal de Peirce in: Panorama da semiótica: de Platão a Peirce. São Paulo: Annablume, 1995 - (Coleção E; 3)

<sup>49</sup> AMÉRICO, E. O conceito de fronteira na semiótica de Iúri Lotman. Bakhtiniana, São Paulo, 12 (1): 5-20, Jan./Abril. 2017.

<sup>50</sup> KIRCHOF, E. Yuri Lotman e semiótica da cultura. Revista do ICHLA; p.63-72, 2010.

Para falarmos de discurso e relações de poder não podemos ignorar os estudos do renomado filósofo e teórico social francês Michael Foucault, que durante sua carreira contribuiu amplamente com seus estudos e formulações, onde daremos destaque a abordagem da arqueologia do discurso e genealogia do poder, assim como a abordagem de Foucault sobre o conceito de discurso.<sup>51</sup>

Foucault desenvolve o conceito de discurso entendendo-o como um sistema complexo de práticas linguísticas sendo meramente uma troca de um conjunto de ideias. O teórico enfatiza que não existe neutralidade no discurso, pois está intimamente ligado a relações de poder. Assim, o discurso não expressa ideias somente, mas igualmente cria e mantém relações de poder dentro de uma determinada sociedade, não sendo meramente um reflexo da realidade, mas sim um meio pelo qual formas de poder são exercidas nas relações. Foucault enfatiza que o discurso não é estático nem universal, pois está enraizado em diferentes contextos histórico-sociais diversos, variando ao longo do tempo e espaço pelos grupos sociais e culturais. A argumentação de Foucault é que o discurso é regulado e controlado por diferentes mecanismos institucionais, como a mídia, a política, o sistema educacional entre outros.<sup>52</sup>

Um importante ponto abordado por Foucault é a ideia de discurso como produtivo, como não apenas uma representação do mundo, mas também como constituinte do mesmo. O discurso, por meio de categorias de pensamento estabelecidas, define o que é verdadeiro e falso, cria normas e padrões e modela as identidades dos indivíduos, tendo o poder de influenciar não somente o que se diz, mas igualmente o que se pensa e como nos comportamos. Textos como “A ordem do discurso” (2014) e “Arqueologia do saber” (2008) exploram a relação entre discurso, poder e conhecimento, trazendo à tona o papel desempenhado pelo discurso na construção e manutenção das relações de poder em uma sociedade.

Outro renomado estudioso que contribuiu enormemente para a compreensão teórica do campo foi o sociólogo francês Pierre Bourdieu que trouxe suas formulações sobre abordagens em relação às práticas linguísticas, reprodução social e dominação simbólica para a sociologia da linguagem. A argumentação de Bourdieu fala da linguagem como não apenas um sistema de comunicação, mas uma forma de capital simbólico que é valorizada e utilizada estrategicamente para ganhar vantagens sociais, enfatizado pelo autor o valor das práticas linguísticas como forma de poder simbólico através do qual indivíduos e grupos estabelecem suas relações de dominação e reproduzem desigualdades sociais.

---

51

<sup>52</sup> AZEVEDO, S. Formação discursiva e discurso em Michel Foucault. Revista Filogenese – Vol. 6, nº2, 2013

A teoria do sociólogo traz o conceito de “habitus” que se refere às disposições incorporadas e internalizadas pelos indivíduos através da socialização. O habitus influencia as práticas e comportamentos linguísticos de um indivíduo, modelando suas preferências e escolhas linguísticas, pois as práticas linguísticas são determinadas pelas posições sociais e capitais simbólicos, culturais e econômicos que os sujeitos possuem. Seguindo este raciocínio, Bourdieu igualmente enfatiza a relevância do contexto social e das estruturas simbólicas na reprodução das desigualdades sociais, argumentando que as práticas linguísticas são influenciadas pelo campo social em que acontecem, incluindo a desigual distribuição de poder e recursos simbólicos. A dominação simbólica é exercida por meio da imposição de paradigmas linguísticos valorizados socialmente, marginalizando demais formas linguísticas de expressão.<sup>53</sup>

Bourdieu aponta em “A economia das trocas simbólicas” (2007) que a reprodução social das desigualdades acontece mediante aquisição e domínio dos códigos linguísticos que são valorizados por classes dominantes, pois aqueles que possuem acesso a capitais simbólicos e culturalmente legitimados na sociedade obtém maior probabilidade de alcançar sucesso e mobilidade social, enquanto os demais grupos marginalizados são excluídos de oportunidades. Segundo Bourdieu, a análise das práticas linguísticas permite compreender como as estruturas simbólicas e sociais são perpetuadas e, conseqüentemente, como a dominação e reprodução da desigualdade se mantêm. A abordagem de Bourdieu contribuiu em diversas aplicações em áreas sociolinguísticas, culturais e educacionais por sua perspectiva crítica e sua base teórica que viabiliza a compreensão das complexas relações entre linguagem, poder e reprodução social. Em complemento ao tema de relações de poder, se faz necessário uma breve introdução ao conceito de hegemonia e suas influências ao discurso.

Antonio Gramsci, filósofo e teórico social italiano, foi um dos principais estudiosos do campo de estudos sociais, tendo como contribuição de maior destaque o desenvolvimento do conceito de hegemonia. Na obra “Cadernos do cárcere” (2017), o autor pontua que dominação de uma classe sobre outra não se mantêm somente por meio da força e coerção, mas também pela construção de um consenso político-cultural, pois a classe dominante visando manter seu poder, precisa estabelecer hegemonia na influência de ideias, valores e crenças em uma sociedade como um todo. Gramsci propõe o conceito de hegemonia referindo-se à dominação exercida por classes dominantes por meio não exclusivo de coerção, mas principalmente por

---

<sup>53</sup> SETTON, M. A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea; Revista Brasileira de Educação; Maio/Jun/Jul/Ago 2002 Nº 20 p.60-70

influência ideológica, argumentando que o discurso empenha um papel basilar na construção e permanência da hegemonia na medida que modela as percepções e identidade dos sujeitos. A análise de Gramsci sobre o discurso observa-o como uma arena de luta política em que classes e grupos distintos disputam a criação de significados e legitimação de posições, onde o autor introduz o conceito de “bloco histórico” para descrever as alianças entre grupos sociais, que refletem nas práticas discursivas e articulações política oriundas destas relações. O teórico pontua também o papel dos intelectuais na influência de ideias e discursos, enfatizando a importância de “intelectuais orgânicos” das lutas de classes subalternas e no engajamento social, sendo crucial para articulações de resistências.

## 6.2 Análise Crítica do Discurso

No campo de discursos linguísticos, o conceituado linguista britânico Michael Halliday contribuiu enormemente com sua abordagem sistêmico-funcional e metafunções da linguagem. Em “An introduction to Functional Grammar” (2004) nos é apresentado uma abordagem sistêmico-funcional que explora a relação entre linguagem e contexto social na comunicação, tendo como três conceitos principais a função, sistema e estrutura. Primeiramente, Halliday propõe três funções principais empenhadas pela linguagem, sendo ideacional, interpessoal e textual. Contextualizando concisamente, a função ideacional diz respeito à expressão do conteúdo e seu significado, como a linguagem representa a realidade ao redor. A função interpessoal se refere à interação social e as relações entre os elementos da comunicação. Por fim, a função textual diz sobre a relação da organização e estruturação do discurso. A metafunção é concebida como um sistema de transição de significado de linguagem que desempenha diferentes papéis no meio das três diferentes funções descritas.<sup>54</sup>

Em continuidade, o sistema refere-se aos conjuntos de escolhas linguísticas disponíveis aos falantes em diferentes contextos, onde o autor propôs que a gramática de uma língua é composta por conjuntos de sistemas inter-relacionados, sendo eles o sistema de transitividade, modulação e coesão, sendo eles sobre a forma como os processos são realizados, as formas de atitude expressão e a conexão entre partes de um discurso, respectivamente. Por fim, a estrutura diz respeito à organização e arranjo de escolhas linguísticas dentro do texto, argumentado pelo

---

<sup>54</sup> SANTOS, Z. A Linguística Sistêmico-Funcional: algumas considerações. Revista Soletas: Dossiê - N. 28 – 2014.2

autor que a estrutura do discurso reflete os objetivos e necessidades dos falantes. Halliday propõe que a estrutura textual é construída mediante mecanismos de coesão e conexões lógicas.

Halliday salienta em sua abordagem a importância do contexto na compreensão linguística, pois o significado de uma expressão não pode ser separado do contexto em que foi usado. Assim, ele introduz o conceito de “campo” ou “domínio” que descreve o contexto da situação onde a linguagem ocorreu. O termo campo diz respeito ao conjunto de atividades, experiências e tópicos em que a linguagem está relacionada de alguma forma.

Chegando ao ponto principal, aqui introduzimos a noção de análise do discurso e, em especial, a abordagem que será usada posteriormente neste estudo, a análise crítica do discurso. De forma concisa, a análise do discurso pode ser definida como uma abordagem teórico-metodológica que objetiva a investigação de formas de construção de discurso e como ele influencia, e conseqüentemente é influenciado, no contexto social, cultural e político. Esta abordagem busca examinar as relações de poder, ideologias e significados presentes nas práticas discursivas. O objetivo central da análise do discurso é revelar as estruturas linguísticas e discursivas que modula as representações sociais e os processos de significação. Existem diversas diferentes abordagens e autores neste vasto campo de estudo, onde daremos destaque especial neste estudo ao teórico Norman Fairclough.

A Análise Crítica do Discurso é uma versão formulada a partir de várias abordagens prévias, surgindo como uma versão transdisciplinar que enfatiza a parcela semiótica do discurso na prática social. A ACD, como será dita a partir daqui, abarca aspectos discursivos das mudanças sociais, visto que o discurso é o elemento que integra o mundo sociocultural. Assim, “Para a ACD, as relações sociais estão baseadas na noção de poder, especialmente, na noção de dominação”.<sup>55</sup>

Em “Discurso e mudança social” (2001) Fairclough propõe uma abordagem de três dimensões de discurso na ACD, sendo elas dimensão textual, discursiva e social. A dimensão textual foca na análise dos aspectos linguísticos e discursivos em um determinado texto, envolvendo a investigação das estruturas gramaticais, lexicais, teóricas e argumentativo utilizado. Esta análise busca identificar como certos elementos contribuem na construção de significados e representações deste presente texto. Em seguida, a dimensão discursiva se refere às práticas discursivas e os gêneros discursivos em seu contexto social. Assim, essa dimensão analisa a forma que o discurso é produzido, distribuído, consumido e interpretado em contextos e situações diversas. Essa dimensão envolve a apuração de normas, regras sociais e convenções

---

<sup>55</sup> MAGALHÃES, C. Reflexões sobre a análise crítica do discurso, 2018, p.28

que modelam a produção e recepção do discurso, assim a análise discursiva procura compreender como o poder e a dominação estão presentes nas práticas observando as relações de poder estabelecidas por meio do discurso e como as identidades são formadas e representadas ao longo deste processo. Por fim, a dimensão social da ACD concentra-se nas condições sociais que influenciam e são influenciada pelo discurso, sendo a dimensão que envolve a investigação das estruturas sociais e das relações de poder e ideológicas presentes no discurso a fim de buscar compreender o reflexo deste discurso na reprodução de desigualdades sociais, hierarquias de poder e dominação. Assim, a análise social propõe investigar as questões de classe, raça, gênero, política e economia que perpassam o discurso.

## 7 ANÁLISE DO OBJETO

A partir da contextualização de alguns conceitos e abordagens previamente citados, neste trabalho objetivamos uma análise crítica do discurso de uma amostragem de tweets da rede social Twitter dentro do debate criado e construído na plataforma com a hashtag #VirusChines. Para tal, foram exportados por meio de uma programação Python uma amostra de tweets da plataforma. A coleta teve de ser feita por este método devido às novas diretrizes do Twitter. Resumidamente, para ter acesso ao acervo de tweets da plataforma é necessário solicitar acesso a API da rede. Contudo, após a venda e troca de gestão do site, foi lançada uma segunda versão desta API que passou a ser paga. Sendo assim, os dados foram coletados via programação Python e exportado para uma planilha de Excel.<sup>56</sup>

Foi possível a coleta de 1.719 tweets ao todo, onde constam o UserName do usuário, a data e hora de sua publicação, o texto do tweet, número de comentários, curtidas e compartilhamentos, assim como link para o tweet original. Foram possíveis coletar tweets dos meses de maio, junho, julho e agosto de 2020. Destes meses, conseguimos coletar 825 tweets do mês de maio, 310 de junho, 337 de julho e 246 de agosto. Os números são reflexo das políticas de segurança e privacidade da plataforma, pois contas de usuários que são privados não podem ter seus tweets coletados.

Nenhum filtro de seleção foi usado para a coleta dos tweets além da especificação de ter a hashtag #viruschines e ser do período de 2020. Para viabilizar uma análise mais segmentada e estruturada, usa-se a seguinte metodologia: análise de 100 tweets de cada um dos quatro meses e subdivide-se o conteúdo dos tweets em quatro categorias. Em seguida, será realizado uma análise segmentada apontando descrição textual, análise discursiva e sociocognitiva, e por fim uma reflexão crítica sobre o objeto e seu contexto.

Visto que a ACD envolve uma abordagem sistemática que visa examinar e interpretar discursos e seus contextos sociais e políticos, se faz necessário uma estrutura sequencial para este fim. Assim, será usado a lógica do seguinte caminho para orientar a análise:

1. Identificação do corpus de análise: Apontar o conjunto de textos discursivos que serão o objeto de análise.
2. Descrição textual e contextualização: Descrição do discurso em seu respectivo contexto.

---

<sup>56</sup> Python é uma linguagem de programação de alto nível, interpretada e de propósito geral. Foi criada por Guido van Rossum e lançada em 1991.

3. Análise discursiva: Apontar os aspectos linguísticos e discursivos presentes no texto, examinando sua estrutura, figuras de linguagem e demais recursos. Expandir a análise para além do texto, explorando as normas e convenções sociais que influenciaram a produção e recepção do discurso.
4. Análise sociocognitiva: Situar a maneira como o discurso reflete nas relações de desigualdade social, hierarquias de poder e relações de dominação. Expor as relações de poder, ideologias e efeitos sociais do discurso, identificando as contradições, ambiguidades e manipulações presentes no discurso e suas consequências.
5. Reflexão crítica: Refletir sobre a análise e suas limitações, reconhecer perspectivas teórico-ideológicas nas interpretações e avaliar o impacto e motivação do discurso no seio social.

Iniciaremos a abordagem pontuando algumas considerações sobre o material e a metodologia que iremos seguir. Selecionamos como objeto desta análise 100 tweets de quatro meses diferentes e seguidos, totalizando 400 tweets. Os tweets foram selecionados de maneira aleatória dentro do volume exportado. Para a análise, optou-se por subdividir quatro diferentes grupos para categorizar o teor do conteúdo do tweet. As categorias são: Político, Saúde, Crítica/Ataque e Neutro/Nulos.

A categoria de tweets “Políticos” abrangem textos que comentam sobre figuras políticas, questões de decisões políticas tomadas durante ou sobre a pandemia, demonstração de apoio ou revolta a líderes políticos e menções sobre reportagens e veículos de comunicação. Já no grupo “Saúde” categorizamos textos que abordam questões sobre saúde pública, comentários sobre medicamentos, vacinas, casos de covid e outras doenças. Na categoria “Crítica/Ataque” são agrupados os textos de cunho agressivo, ameaças, xingamentos e comentários degradantes sobre China e chineses em geral, assim como o coronavírus. Por fim, a categoria “Neutro/Nulos” se resumem aos textos que não possuem sentido claro ou que não se encaixam em nenhuma outra categoria. Estas categorias funcionam como uma ilustração mais palpável da polarização temática do conteúdo dos discursos. Dentre a amostra analisada, apresentamos abaixo uma listagem com o número de tweets nas categorias.

	Político	Saúde	Critica	Neutro/ Nulo
Maio	52	6	20	22
Junho	40	8	31	21
Julho	41	18	26	15
Agosto	53	12	26	9
	46.5%	11%	25.75%	16.75%

Não se pode negar o fato de a pandemia ter inclinado para um debate de cunho extremamente político. Pelos números, nota-se que uma parcela considerável dos tweets contém um viés político e de críticas diretas à China, totalizando 72.25% do todo. Observa-se muitas menções sobre figuras políticas, como Bolsonaro que é mencionado 72 vezes ao total de todos os meses. Conta-se também com menções sobre o então governador de São Paulo João Doria, e comentários mais genéricos sobre “governador”, “ministro”, “prefeito” e “deputados”, assim como “presidente”. Estes textos comentam sobre corrupção durante a pandemia, desvios de verba pública, tomadas de decisões não apoiadas pela população, como lockdown e uso de certos medicamentos, etc. Também tem-se presentes menções em apoio ao então presidente Jair Bolsonaro e sua atuação na pandemia.

Dentre os comentários de cunho político observa-se críticas duras contra políticos e tomadas de decisões apontadas como coniventes com a China e a pandemia, apontando também a OMS (23 menções) com papel de conivência. Destacam-se comentários sobre um ganho político, deslocando o real perigo da pandemia para uma construção de crise para o jogo político. Sobre a mídia, a Globo foi de longe o veículo com maior número de comentários e ataques, acusada de criar uma narrativa de pânico e caos, alimentando medo na população, assim como alegações de falsos casos de covid e mortes forjadas. Essas teorias afirmam que haviam maquinações políticas em curso, incluindo a suposta manipulação das estatísticas e a recusa de medicamentos que supostamente poderiam curar e até prevenir o vírus. A vacina chinesa também foi alvo de ataques, sendo levantado até mesmo teorias de uma implementação de chips, em parte baseado em suposições religiosas sobre o apocalipse.

Textualmente falando, se tem presentes jargões e expressões populares, e muito uso de outras hashtag, como #BoycottChina, #PartidoComunistaChinês, #TodosPorBolsonaro, #BolsonaroTemRazao, #Trump2020, #BolsonaroOrgulhoDoBrasil, #GloboLixo, #intervencaomilitar, #golpepolitico entre outros. Nota-se o uso de uma linguagem alarmista por alguns usuários. O tom de revolta e agressividade é claro na maioria dos discursos. As falas apresentam repetição, no sentido de ênfase, em algumas palavras e frases, às vezes escritas em

caixa alta e outras marcadas por hashtag, o que pode indicar o desejo de alcance de novas pessoas e a iniciação de novos ciclos de discussões em temas relacionados, em uma tentativa de ramificar a temática. Em consequente, os tempos verbais presente e passado são muito usados assim como imperativos e exclamação, com muita presença de afirmativas em frases como "O #VirusChines é o 'Sniper' que faz com que as pessoas fiquem em casa! são as algemas!", "Os efeitos da terceira guerra mundial estão aqui. #VirusChines", "A China deu o #VirusChines", "Chineses Assassinos! #VirusChines", "O vírus é da China! #VirusChines" e "A China deve estar feliz, o seu plano está dando certo, o mundo está um caos! #VirusChines #ChinesesVirus #LeiDaCensuraNao".

Dos meses de junho para julho de 2020 pode-se observar um agravamento no discurso em termos de agressividade, onde se nota o começo do uso da palavra “genocídio”<sup>57</sup> em tweets como "Petista acéfala. A pandemia tem origem chinesa. O PCC é o único culpado por essa maldade ao mundo. O #viruschines", "#BoicoteAChina e pelo fechamento das fronteiras. A "China é porca", essa metáfora tem todo sentido. #aChinaéporca #VirusChines", "Comam animais vivos/silvestres o que de mau pode acontecer? #VirusChinês BBC News Brasil - Coronavírus: ‘Estamos diante de ameaça de extinção e as pessoas nem mesmo sabem disso’, afirma sociólogo Jeremy Rifkin <https://bbc.com/portuguese/internacional-52657148...>", <https://gizmodo.uol.com.br/twitter-apaga-contas-campanha-desinformacao-chinesa/...> #PartidoGenocidaChinês #viruscomunista #viruschines #chinesevirus SÓ PRA LEMBRAR!!! O #PartidoGenocidaChines ajoelhou no PESCOÇO DO MUNDO E MATOU POR ASFIXIA MAIS DE 400 MIL PESSOAS PELO MUNDO ... VIDAS IMPORTAM!", "Que isso @EmbaixadaChina não aceitam ser criticados? Deixem nosso país!!!! Nunca vamos esquecer o #VirusChines", "É só isolar a #China do resto do mundo, caramba! #virussuino #COVID19 #VirusChines" e "#VirusChines cavalo de tróia dos maoístas #DoriaChingLing".

No quesito críticas, revelam-se uma variedade de opiniões e teorias relacionadas à China e à pandemia do coronavírus. Entre os comentários, destacam-se pessoas reivindicando sua liberdade de expressão ao chamarem o vírus de “vírus chinês”. Essas afirmações refletem uma percepção negativa em relação a China ligadas ao sentimento de frustração e busca de alvo para responsabilizar e punir, assim como um sentimento de repressão. Além disso, observa-se a propagação de ideias de boicote à China, isolamento do país no cenário mundial e pedidos para que as pessoas deixem de comprar produtos chineses. Essas manifestações demonstram uma

---

<sup>57</sup> O genocídio é um termo usado para descrever ações deliberadas e sistemáticas com o objetivo de exterminar ou eliminar um grupo étnico, religioso, nacional ou racial específico.

tentativa de responsabilizar a China e sugerem um sentimento de repúdio em relação ao país. É importante mencionar que também surgem teorias conspiratórias relacionadas ao Partido Comunista Chinês e a um suposto plano de dominação mundial, onde o coronavírus teria sido planejado, principalmente a partir do mês de agosto pela base de dados analisada. A covid passou a ser um símbolo do perigo que a China e os chineses representam, se tornando o signo do Perigo Amarelo. Estas formas de significação vão do discurso às imagens construídas e perpetuadas com o tweets.



As relações de poder dos discursos, a ideologia e a hegemonia desempenham um papel fundamental na perpetuação das desigualdades entre grupos privilegiados e marginalizados. Esses conceitos estão intrinsecamente ligados e influenciam a forma como as narrativas e as estruturas sociais são construídas e mantidas. Os discursos são formas de comunicação que carregam significados e representações. Eles não são neutros, mas sim construídos a partir de perspectivas e interesses específicos. Grupos privilegiados têm mais poder para moldar e controlar os discursos dominantes, enquanto os grupos marginalizados têm suas vozes e experiências muitas vezes silenciadas ou distorcidas.

A ideologia desempenha um papel crucial na manutenção das desigualdades de poder. Ela se refere a um conjunto de crenças, valores e ideias que sustentam e justificam uma determinada ordem social. Através da ideologia, os grupos privilegiados podem consolidar seu poder e reforçar estruturas de dominação. A ideologia pode ser internalizada pelas pessoas, levando-as a acreditar e reproduzir os valores e normas estabelecidos, muitas vezes sem questioná-los. A hegemonia, conceito desenvolvido por Antonio Gramsci, refere-se ao domínio cultural e ideológico de um grupo sobre os demais. Através da hegemonia, as ideias e os interesses dos grupos privilegiados são naturalizados e tornam-se a "norma" na sociedade. Isso resulta em uma invisibilidade e subordinação dos grupos marginalizados, que são considerados "desviantes" em relação à norma dominante. Essas relações de poder têm implicações

significativas em diferentes aspectos da vida dos grupos privilegiados e marginalizados, incluindo acesso a recursos, oportunidades educacionais, emprego, justiça social e representatividade política. Os discursos, a ideologia e a hegemonia podem reforçar estereótipos, preconceitos e discriminação, perpetuando as desigualdades existentes.

Neste sentido, pode-se observar claramente que houve um deslocamento de sentido do contexto de crise sanitária, onde a pandemia provocou, ou contribuiu, para uma onda de ataques à China e ao povo chinês. O debate caminhou para o tema político, baseado em um conceito previamente debatido que ressurgiu nas entrelinhas desta discussão, o perigo amarelo. A ideia da China como uma inimiga iminente que almeja dominar o mundo continua intrínseca no imaginário da população. Bastou apenas alguns questionamentos e sugestões mal infundadas para que os comentários ácidos e agressivos se iniciassem.

É importante pontuar que este trabalho não intenciona levantar um debate sobre política internacional, mas não pode-se ignorar as falas de Donald Trump e Jair Bolsonaro, presidentes dos Estados Unidos da América e Brasil respectivamente, sobre a pandemia, o vírus e a China no cenário pandêmico. O reflexo desses discursos nos casos de agressões relatados por asiáticos é notável, o que provocou um movimento chamado “Stop Asian Hate”, original dos Estados Unidos, que rodou o mundo pelas redes sociais devido o crescente número de ataques depois da pandemia, igualmente com a criação da hashtag #JeNeSuisPasUnVirus (eu não sou um vírus), em resposta a crescente onda de ódio e sinofobia. Ademais, menções negativas e distorcidas sobre comunismo e o Partido Comunista Chinês não foram raras, recebendo diversas críticas que apontam um suposto plano arquitetado pela China para dominação mundial, e até mesmo a implementação de uma ditadura, onde o vírus foi lançado ao mundo para enfraquecer as economias. O tom conspiratório é evidente e exacerbado, e seu reflexo é crítico e real.

Crenças e comportamentos que levam as pessoas a exercerem ações e discursos agressivos contra outras podem ser influenciados por uma série de fatores, incluindo preconceitos, estereótipos, medo do desconhecido e ideologias baseadas em visões simplistas e binárias do mundo. Essas crenças e comportamentos podem ser exacerbados pelo conceito de "perigo amarelo", que historicamente tem sido utilizado como uma forma de estigmatizar e marginalizar pessoas de origem asiática. Essas visões perpetuaram a ideia de uma ameaça representada por culturas e povos asiáticos, sugerindo a existência de uma suposta conspiração ou perigo representado por eles. Essa narrativa constrói uma dicotomia entre "nós" e "eles", reforçando a discriminação e o racismo. Essas crenças e estereótipos podem levar a uma atitude de hostilidade e agressão contra pessoas de origem asiática, manifestando-se em discursos ofensivos, violência física e discriminação sistemática. A falta de conhecimento, a perpetuação

de estereótipos negativos e a tendência de generalização podem alimentar o preconceito e fomentar a intolerância. A marginalização dos grupos étnicos asiáticos resulta em desigualdades estruturais, pois esses grupos enfrentam barreiras ao acesso à educação, emprego e serviços básicos. Essas disparidades têm um impacto negativo no desenvolvimento humano, econômico e social do país.

A intolerância e a discriminação contra chineses devido à pandemia de COVID-19 podem ter efeitos extremamente prejudiciais para o reconhecimento pessoal e social dos indivíduos afetados. Quando as pessoas são alvo de discriminação com base em sua origem étnica, elas enfrentam uma série de desafios emocionais, psicológicos e sociais. O desrespeito e a discriminação têm o potencial de minar o senso de dignidade de uma pessoa. Ao serem tratados com hostilidade e desprezo, os indivíduos podem experimentar sentimentos de vergonha, baixa autoestima e perda de confiança. Isso pode levar a uma deterioração da saúde mental e emocional, resultando em ansiedade, depressão e isolamento social. Além disso, a discriminação pode levar à exclusão social e limitar as oportunidades de desenvolvimento pessoal e profissional. Isso pode criar um ciclo de desvantagem e desigualdade, afetando negativamente o bem-estar e a qualidade de vida dos indivíduos afetados.

A linguagem desempenha um papel fundamental na construção do imaginário social, influenciando a forma como percebemos o mundo, compreendemos os outros e nos relacionamos uns com os outros. O discurso, por sua vez, é uma expressão linguística que reflete e molda as idéias, crenças e valores de uma sociedade. Nesse sentido, a importância da linguagem e do discurso reside no poder que exercem sobre a construção da realidade e na forma como moldam as percepções e relações sociais. Através da linguagem, criamos significados e representações simbólicas que nos permitem atribuir sentido às nossas experiências e compartilhá-las com os outros. O discurso é uma ferramenta poderosa na formação de identidades individuais e coletivas, na construção de narrativas históricas e culturais, e na legitimação de certas visões de mundo. Ele influencia nossas percepções, atitudes e comportamentos, moldando nosso pensamento e ação. O discurso também desempenha um papel crucial na construção e manutenção do poder e das relações de dominação. Através do uso estratégico da linguagem, certos grupos podem exercer influência sobre outros, moldando as percepções, estabelecendo normas e valores, e reforçando hierarquias sociais. Por exemplo, discursos discriminatórios e estigmatizantes podem marginalizar certos grupos e perpetuar desigualdades estruturais.

## 8 CONCLUSÃO

As redes sociais desempenham um papel cada vez mais importante no seio social contemporâneo. Elas têm impacto significativo nas interações e conexões entre as pessoas, bem como na disseminação de informações e na formação de opiniões. Tudo é e começa pela linguagem e comunicação nas sociedades. Não se deve subestimar e desvalidar a relevância e o poder de discursos propagados no meio digital, pois o online já se integrou à “vida real”. O que acontece online reflete e exerce poder no mundo e sociedade, ultrapassando o online. A construção semiótica desempenha um papel poderoso na formação e no fortalecimento do imaginário popular. Através da linguagem, dos signos e dos símbolos, a construção semiótica molda e influencia as percepções, as crenças e os valores presentes na sociedade.

O desrespeito e o não reconhecimento da dor causada em grupos marginalizados podem gerar graves problemas sociais, como perda do senso de comunidade e identidade nacional. O pertencimento é importante e inerente ao ser humano, sendo fundamental para o bem-estar social e qualidade de vida. Ele se refere à sensação de fazer parte de um grupo ou comunidade, de ser aceito, reconhecido e valorizado pelos outros membros desse grupo. O pertencimento social está intrinsecamente ligado à nossa identidade e ao nosso senso de identificação com os outros. Quando uma pessoa experimenta a ausência desse senso de pertencimento, podem surgir malefícios significativos. A falta de conexão e de integração social pode levar a sentimentos de solidão, isolamento e alienação. Isso pode afetar negativamente a saúde mental e emocional. O pertencimento social promove a colaboração, a solidariedade e a cooperação entre os membros de uma sociedade, estimulando o desenvolvimento de relações saudáveis e a construção de uma sociedade mais inclusiva e equitativa.

Assim, se faz necessário trazer a luz a complexidade dos discursos que foram banalizados e largamente perpetuados na discussão proposta na hashtag #VirusChines. O caos social gera instabilidade de gênero, classe, raça e leva a situações extremas como conflitos e guerras. Uma obra interessante que podemos citar como exercício de reflexão sobre este cenário é "Making Enemies: War and State Building in Burma" (2003) de Mary P. Callahan, que oferece uma análise abrangente e perspicaz do processo de construção do Estado em Mianmar (Birmânia) e os desafios enfrentados pela nação desde sua independência em 1948. O livro examina como a construção do Estado em Mianmar esteve intrinsecamente ligada à guerra civil e à formação de inimigos dentro do país.

Callahan explora a dinâmica política, étnica e militar que moldou a história de Mianmar e analisa como as políticas do Estado contribuíram para a criação de inimigos internos. Ela

investiga as tensões entre o governo central e as diversas etnias e grupos étnicos minoritários, destacando os conflitos armados e a violência que emergiram dessas divisões. Um aspecto importante do livro é a análise do papel das elites políticas e militares na perpetuação desses conflitos. Callahan explora como as estratégias de governança autoritária e as políticas discriminatórias contribuíram para a marginalização e o descontentamento de certos grupos étnicos, levando a movimentos de resistência e a um ciclo de violência contínuo. Além disso, o livro também examina como a construção da identidade nacional em Mianmar tem sido moldada por narrativas de inimigos internos e externos. Callahan discute o papel da propaganda, da educação e da manipulação da história na criação de uma consciência coletiva que alimenta a hostilidade e a desconfiança entre diferentes grupos.

Como pontuamos anteriormente, o objetivo central da análise do discurso é revelar as estruturas linguísticas e discursivas que modulam as representações sociais e os processos de significação. Assim, após a apresentação dos dados, apontamos que o discurso adotado na discussão agregada pela hashtag #viruschines se desdobrou e propiciou críticas e ataques não somente ao Estado Chinês como a própria população, visto que o discurso adota uma abordagem de degradação e acusação do país em um contexto de crise mundial sanitário que causou mortes, incentivando um rechaçamento mundial ao país e conseqüentemente a população. O fato da reivindicação de chamar o SARS-CoV-2 de vírus chinês por si só já demonstra a clara intenção em acusação e culpa.

Como já apontado por Foucault, o discurso é um sistema complexo de trocas de ideias, não existindo neutralidade em si por sua ligação nas relações de poder. Assim, o discurso não expressa ideias somente, mas igualmente cria e mantém relações de poder dentro de uma determinada sociedade, sendo um meio pelo qual são exercidas essas relações em uma dinâmica de subordinação. O poder está relacionado à capacidade de influenciar ou controlar o comportamento, as ações e as decisões de outras pessoas ou grupos. Sendo assim, aqui podemos observar uma clara manifestação de hegemonia por meio de narrativas, reforçando sua posição de poder e marginalizando os grupos subalternos, reforçando a posição de antagonismo do “Outro”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRIC, J. C. **Abordagem estrutural das representações sociais: desenvolvimentos recentes**. In P. H. F. Campos & M. C. da S. Loureiro. (Eds.), Representações sociais e práticas educativas. Goiânia: UCG, 2003.

ABRIC, J. C. **O estudo experimental das representações sociais**. In D. Jodelet (Ed.), As representações sociais. Rio de Janeiro: UERJ, 2001.

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado**. Introdução crítica de J. A. Guilhon Albuquerque. Graal. São Paulo, 1985.

BACZKO, Bronislaw. **A imaginação social** In: Leach, Edmund et Alii. Anthropos-Homem. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

BAGGS, Michael. **Discurso de ódio na internet aumentou durante a pandemia, aponta pesquisa**. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-59300051>. Acesso em: 10/07/2023

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. In: Estética da Criação Verbal. 2a. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARTHES, Roland. **Elementos de semiologia**. Tradução de Izidoro Blikstein. - 16 ed. - São Paulo: Cultrix, 2006

BARTHES, Roland. **Mitologias**. Tradução de Rita Boungermino e Pedro de Souza. - 11ª ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001

BAYM, Nancy K. **Personal Connections in the digital age: Digital media and society series**. Polity Press, 2010.

BENTES, Ivana. **Nós, os brancos, e a nova partilha discursiva**. Revista Cult, 12 de agosto de 2020. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/nos-os-brancos-e-a-nova-partilha-discursiva/>. Acesso em: 10/07/2023

BERGMANN, M. M. **Social representations as mothers of all behavioural pre-dispositions? Notes on the relations between social representations, attitudes and values**. Papers on Social Representations, 7. 1998.

BERTONI, L. M., e GALINKIN, A. L. **Teoria e métodos em representações sociais**. In: MORORÓ, L. P., COUTO, M. E. S., e ASSIS, R. A. M., orgs. Notas teórico-metodológicas de pesquisas em educação: concepções e trajetórias [online]. Ilhéus, BA: EDITUS, 2017, pp. 101-122. ISBN: 978-85- 7455-493-8.

BETHELHEIM, Charles. **Revolução cultural e organização industrial na China**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

BOELLSTORFF, Tom. **Coming of age in second life: an anthropologist explores the virtually human**. Princeton University Press, 2008 Paperback ISBN: 978-0-691-16834-0

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**; introdução, organização e seleção Sergio Miceli. - São Paulo: Perspectiva, 2007, - (Coleção estudos: 20 / dirigida por J. Guinsburg)

BRASIL. **Decreto nº 528, de 28 de Junho de 1890** - Publicação Original Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-528-28-junho-1890-506935-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 04/07/2023.

BRAZ, Matheus Viana; HASHIMOTO, Francisco. **Significações imaginárias sociais e novos modos de sofrimento no trabalho**: contribuições a partir da sociologia clínica. Gerais, Rev. Interinst. Psicol., Belo Horizonte, v. 11, n. 2, p. 339-362, 2018. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1983-82202018000200011&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202018000200011&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 21 jun. 2023.

BURKE, Peter. **Cultura popular na Idade Moderna**. Tradução Denise Bottmann - São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento: de Gutemberg a Diderot**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. tradução: Roneide Venâncio Mjer; atualização para 6ª edição: Jussara Simões. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, Manuel. **O poder da comunicação**. Tradução Rita Espanha; rev. Gustavo Cardoso. Edição da Fundação Galouste Gulbenkian - Lisboa, 2013

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. Tradução Klauss Gerhardt - 9ª ed. rev. ampl. - São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018

CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 1995 (3ª. edição).

CHESNEAUX, Jean. **A Ásia oriental nos séculos XIX e XX**. São Paulo: Pioneira, 1976.

COELHO, Teixeira. **Dicionário crítico de política cultural**: cultura e imaginário. São Paulo: Iluminuras, 1997.

COGGIOLA, Osvaldo. **A revolução chinesa**, São Paulo: Moderna, 1985.

DataReportal Digital Jan 2019 Brazil <https://datareportal.com/reports/digital-2019-brazil?rq=brazil> Acesso em: 05/07/2023

DataReportal Digital Jan 2022 Brazil <https://datareportal.com/reports/digital-2022-brazil> Acesso em: 05/07/2023

DOISE, W. **Atitudes e representações sociais**. In D. Jodelet (Ed.), *As representações sociais*. Rio de Janeiro: UERJ, 2001.

DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica**. Lisboa: Edições 70, 1995.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral**. tradução Hélder Godinho. - 4ª ed. - São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

ELHAJJI, Mohammed. **Comunicação intercultural: Prática social, significado político e abordagem científica**. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação: COMPÓS, 2006.

FAIRCLOUGH, Norman. **Analyzing Discourse: textual analysis for social research**. London: Routledge, 2003.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: UnB, 2001.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso, mudança e hegemonia**. In: PEDRO, Emília Ribeiro (org). *Análise Crítica do Discurso – uma perspectiva sociopolítica e funcional*. Lisboa: Editorial Caminho, 1997.

FARR, R. M. **Representações sociais: a teoria e sua história**. In GUARESCHI & S. Jovchelovitch (Eds.), *Textos em representações sociais*. Petrópolis: Vozes, 1994.

FERREIRA, G.; HEEMANN, A. **O modelo de codificação e decodificação de Stuart Hall e as atuais Interfaces Naturais de Usuário**. DAPesquisa, Florianópolis, v. 13, n. 21, p. 43-58, dez., 2018. ISSN 1808-3129. DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/1808312913212018043>

FIGUEIREDO, Débora de Carvalho; MORITZ, Maria Ester Wollstein. **Discurso e Sociedade: a perspectiva da Análise Crítica do Discurso e da Linguística Sistêmico-Funcional**. IN: Braga, Moritz, Reis, Rauen (orgs.). *Ciências da linguagem: analisando o percurso, abrindo caminhos*. Blumenau: Nova Letra, 2008.

FLAMENT, Claude. **Estrutura e dinâmica das representações sociais**. In D. Jodelet (Ed.), *As representações sociais*. Rio de Janeiro: UERJ, 2001.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves, 7ed. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio – 24. ed. – São Paulo: Edição Loyola, 2014.

FRAYLING, Christopher. **The Yellow Peril: Dr Fu Manchu & The Rise of Chinaphobia**. Thames & Hudson, 2014. e-book.

GARFINKEL, Harold. **Studies in ethnomethodology**. Prentice-Hall, Inc., Englewood Cliffs, New Jersey, 1967.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Tradução Plínio Dentzien - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

GRAMSCI, Antonio. **Caderno do cárcere**. volume 3: Maquiavel, notas sobre o estado e a política. Tradução de Luiz Sérgio Henriques, Marco Aurélio Nogueira, Carlos Nelson Coutinho. - 1 ed. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz da Silva, Guaracira Lopes Louro - 11 ed. - Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood; MATTHIESSEN, Christian MIM. **Halliday's introduction to functional grammar**. Routledge, 2013.

HINE, Christine. **Virtual Ethnography**. SAGE Publications, 2000.

HONNETH, Axel. **Disrespect: The normative foundations of critical theory**. John Wiley & Sons, 2014.

HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais**. Tradução de Luiz Repa. 1º ed. São Paulo: Editora 34, 2003.

HONNETH, Axel. **Recognition and power**. Cambridge University Press, 2007.

HONNETH, Axel. **The struggle for recognition**. Polity Press, 1995.

IKÄHEIMO, Heikki; LEPOLD, Kristina; STAHL, Titus (ed.). **Recognition and Ambivalence**. Columbia University Press, 2021.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. Tradução Susana L. de Alexandria. - 2ª ed. - São Paulo: Aleph. 2009.

JODELET, Denise. **Représentations sociales: un domaine en expansion**. In D. Jodelet (Ed.) **Les représentations sociales**. Paris: PUF, 1989, pp. 31-61. Tradução: Tarso Bonilha

Mazzotti. Revisão Técnica: Alda Judith Alves-Mazzotti. UFRJ- Faculdade de Educação, dez. 1993.

KOZINETS, Robert. **Netnografia: Realizando pesquisa etnográfica online**. Tradução: Daniel Bueno. Editora Penso: 2014.

LEEUWEN, Theo Van. **A representação dos atores sociais**. IN: PEDRO, Emília Ribeiro (org) *Análise Crítica do Discurso – uma perspectiva sociopolítica e funcional*. Lisboa: Editorial Caminho, 1997. p. 169- 222.

LESSER, Jeffrey. **Negotiating natural identity: Immigrants, minorities, and the struggle for ethnicity in Brazil**. Duke University Press: Durham & London, 1999.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. (Trad. Carlos Irineu da Costa). São Paulo: Editora 34, 2009.

LIPPMANN, Walter. **Public opinion**. Free Press Paperbacks - New York, 1997

MAGALHÃES, Célia Maria. **Reflexões sobre a análise crítica do discurso**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, 2001.

MAGALHÃES, W. L. **O imaginário social como um campo de disputas**. Albuquerque: revista de história, v. 8, n. 16, p. 92-110, 30 dez. 2016.

MAIA, Kenia Soares; ZAMORA, Maria Helena Navas. **O Brasil e a lógica racial: do branqueamento à produção de subjetividade do racismo**. *Psicologia Clínica*, 2018, 30.2: 265-286.

MAIA, Rousiley. **Recognition and the media**. Palgrave Macmillan, 2014.

MARGALIT, Avishai. **The Decent Society**. Translated by Naomi Goldblum. Massachusetts: Harvard University Press, 1996.

MARTINS, José de Souza. **Linchamento, o lado sombrio da mente conservadora**. *Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S.Paulo*, 8(2): 11-26, outubro de 1996.

MCINTYRE, Lee C. **Post-truth**. Cambridge, MA: MIT Press, 2018.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**, 1964.

MEIRA, Fábio Bittencourt. **Castoriadis (o instituinte) e a instituição**. EnANPAD - Rio de Janeiro, 2010

MEIRELES, Maximiano Martins de. **Sujeito(s), representações, discursos e identidade(s) polifônica(s): entrelaçando conceitos**. III Simpósio Nacional Discurso, Identidade e Sociedade (III SIDIS).

MILANI, Sebastião Elias. **O signo para Humboldt, para Saussure e para Bakhtin.** UNISC - Signo. Santa Cruz do Sul, v. 40, n. 68, p. 55-65, jan./jun. 2015.

MOSCOVICI, Serge. **A Representação social da psicanálise.** Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MOSCOVICI, Serge. **O fenômeno das representações sociais.** In S. Moscovici (Ed.), Representações sociais: investigações em psicologia social. Petrópolis: Vozes, 2003.

NÖTH, Winfried. **Panorama da Semiótica: de Platão a Peirce.** Annablume, 1995.

NUSSBAUM, Martha. **Hiding from Humanity: disgust, shame, and the law.** New Jersey: Princeton University Press, 2004.

PEIRCE, Charles S. **Semiótica.** São Paulo: Perspectiva, 1977.

POMAR, Wladimir. **A Revolução Chinesa.** São Paulo: ed. UNESP, 2003

RAMALHO, Viviane; RESENDE, Viviane. **Análise do Discurso Crítica.** São Paulo: Contexto, 2009.

RAWLS, John. **A Theory of Justice.** Revised Edition. Massachusetts: Harvard University Press, 1999.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet.** Porto Alegre: Sulina, 2009.

RODRIGUES, Heliana. **Cura, culpa e imaginário radical em Cornelius Castoriadis.** Psicol. USP 9 (2), 1998.

ROUQUETTE, M. L. **As representações sociais no quadro geral do pensamento social.** João Pessoa: UFPB, 2005.

SANTOS, Záire. **A Linguística Sistêmico-Funcional: algumas considerações.** Revista Soletras: Dossiê - N. 28 – 2014.2

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral:** Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. - 27 ed. - São Paulo: Cultrix, 2006

SAUSSURE, Ferdinand de. **Escritos de linguística geral.** Tradução Carlos Augusto Leuba Salum, Ana Lucia Franco. Editora Cultrix - São Paulo, 2002

SCHWAN, Ivan Carlos. **Imaginário social instituído e instituinte.** ABEM XIX, 2020. Disponível em: <<https://www.abem-submissoes.com.br/index.php/RegSul2020/sul/paper/viewFile/384/383>>. Acesso em: 04/07/2023.

SILVA, D.G. da & RAMALHO, V. **Reflexões para uma abordagem crítica dos gêneros discursivos**. Revista Latinoamericana de Estudios del Discurso, v.8 (1), 2008.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **A produção social da identidade e da diferença**. In: SILVA, T.T. (org.). Identidade e diferença. Petrópolis: Vozes, 2000.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Stuart Hall, Kathryn Woodward. 15. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

TAYLOR, Charles. **As fontes do self: a construção da identidade moderna**. Trad.: Adail Ubirajara Sobral e Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Loyola, 1997.

THOMPSON, John. B. **O conceito de Ideologia**. In: Ideologia e Cultura Moderna. 8 ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

TOKUSATO, Letícia. **Coronavírus: a nova variante do perigo amarelo**. R. ÎANDÉ – Ciências e Humanidades. São Bernardo do Campo, v. 6, n. 1, p. 46-58. Abril/2022 doi: 10.36942/iande. v6i1.565

TURKLE, Sherry. **Alone together: why we expect more from technology and less from each other**. RHYW, 2011 (E-book ISBN 978-0-465-01021-9).

VALSINER, J. **Beyond social representations: a theory of enablement**. Papers on Social Representations, 12. 2003

WACHELKE, João Fernando Rech. CAMARGO, Brigido Vizeu. **Representações sociais, representações individuais e comportamento**. Interam. j. psychol. v.41 n.3 Porto Alegre, dez. 2007.

WACHELKE, João Fernando Rech; CAMARGO, Brigido Vizeu. **Representações sociais, representações individuais e comportamento**. Interam. j. psychol., Porto Alegre, v. 41, n. 3, p. 379-390, dez. 2007. Disponível em:  
<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-96902007000300013&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-96902007000300013&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 22 jun. 2023.

WAGNER, W. **Descrição, explicação e método na pesquisa das representações sociais**. In P. Guareschi, & S. Jovchelovitch (Eds.). Textos em representações sociais. Petrópolis: Vozes. 1994.

WAGNER, W. **Social representations, group affiliation, and projection: knowing the limits of validity**. European Journal of Social Psychology, 25. 1995.

WERMUTH, M. **As políticas migratórias brasileiras do século XIX ao século XXI**. Rev. Direito e Práx., Rio de Janeiro, V. 11, N. 4, 2020, p. 2330-2358 DOI: 10.1590/2179-8966/2020/45137| ISSN: 2179-8966. Acessado: 1/06/2023

